Canção de Amor

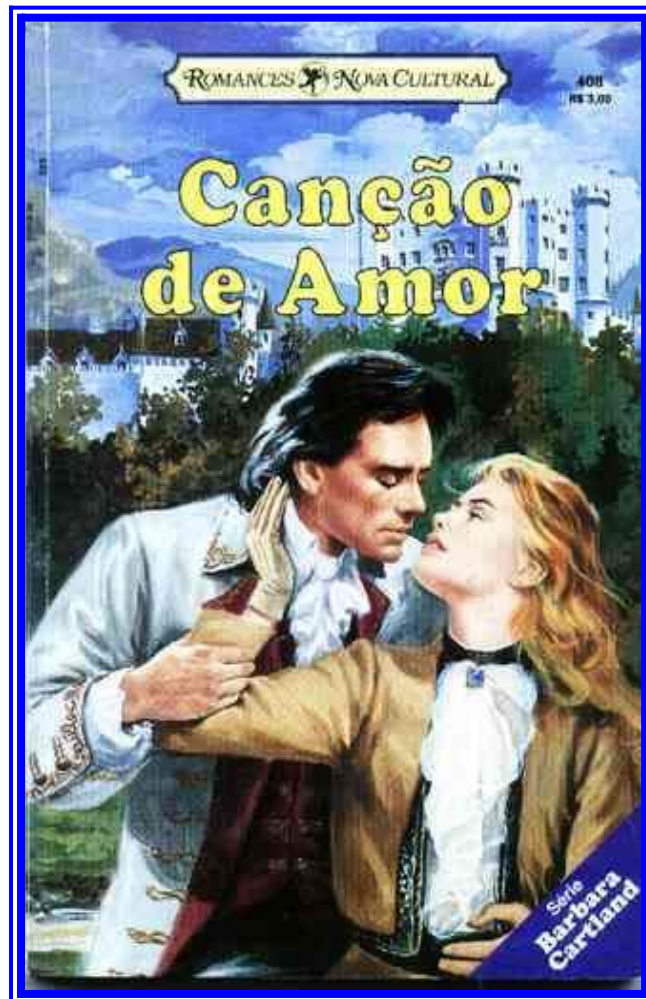
(Crowned by music)

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland Nº 408

Título original: Crowned by music

Tradução: H. Magelan
EDITORA NOVA CULTURAL uma divisão do Círculo do livro Ltda.
Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346, 11º andar
CEP 01410-901 - São Paulo - SP - Brasil Caixa Postal 9442

Fotocomposição: Círculo de Livro
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

O príncipe Ivor da Samósia precisava de uma noiva inglesa,e a escolhida foi lady Linetta, uma prima distante da rainha da Inglaterra,cujo avô rompera com a família porque decidira se casar com uma pianista plebéia. Linetta concordou em partir para Samósia,mas impôs uma condição : antes de aceitar a proposta, queria primeiro conhecer o príncipe Ivor. O que ela não imaginava era que estava preparando uma armadilha para seu próprio coração!

CAPÍTULO I

1882

Nada entusiasmado, o conde de Granville, ministro das relações exteriores, chegou ao castelo de Windsor para uma audiência com a rainha Vitória.

Sendo muito benquisto no castelo, foi recebido com alegria pelos camaristas e outros nobres a serviço de Sua Majestade.

Ofereceram-lhe alguma coisa para beber, certos de que ele sentia a garganta seca após a viagem de Londres a Windsor. Porém, o conde recusou, dizendo que devia falar com Sua Majestade com urgência.

Um dos camaristas afastou-se depressa e, ao voltar anunciou:

— Sua Majestade está de muito bom humor e terá prazer em recebê-lo, milorde.

— É bom saber disso — tornou o conde. — Só não posso assegurar que ela continuará bem-humorada depois da audiência.

Os palacianos riram e um deles comentou:

— A rainha está sempre disposta a recebê-lo, milorde. Com o primeiro-ministro não acontece o mesmo.

O humor de Sua Majestade muda assim que ele começa a subir a escada.

Não só o conde, mas todas as outras pessoas mais ligadas à rainha, sabiam que Sua Majestade não simpatizava com o Sr. William Ewart Gladstone, embora ele fosse considerado um grande estadista.

Nos anos anteriores, a rainha Vitória tivera sérias divergências com o primeiro-ministro. Certa ocasião, ameaçara abdicar, caso o Sr. Gladstone não fizesse o que ela desejava.

Depois de o Sr. Gladstone ter sido reeleito primeiro-ministro, os nobres do castelo de Windsor mantinham-no distante de Sua Majestade tanto quanto possível.

Infelizmente, a situação na Europa estava muito tensa porque os russos vinham se comportando de maneira tão indigna, que a rainha era obrigada a receber, quase diariamente, a visita do primeiro-ministro, bem como do ministro das relações exteriores.

O camarista que acompanhava o conde aos aposentos da rainha, observou enquanto ambos caminhavam;

— Espero que não tenha más notícias para Sua Majestade, milorde.

— Lamento, mas a rainha não ficará feliz com o que tenho a lhe dizer. Portanto, prepare-se; a tarde e a noite serão bem sombrias — antecipou o conde.

— A atmosfera neste castelo tem estado sombria com freqüência. Se o assunto que Vossa Senhoria tem a tratar com Sua Majestade é sobre os russos, convém adiar a visita — gracejou o camarista.

— Farei o possível para não irritar demais Sua Majestade — o conde prometeu.

Eles chegaram à ante-sala dos apartamentos da rainha e outro camarista, em serviço, saudou o conde:

— Boa tarde, milorde. E um prazer revê-lo.

— E muito agradável ser recebido com entusiasmo

— disse o conde. — Receio, porém, que Sua Majestade não se alegre com a minha visita.

— Posso adivinhar o que o trouxe ao castelo, milorde. Desejo-lhe boa sorte.

— Obrigado. Estou cruzando os dedos para ter sucesso nesta audiência; entretanto, vim preparado para o pior.

Um dos camaristas abriu a porta e entrou na sala privativa da rainha. Voltou quase imediatamente para dizer:

— Sua Majestade o aguarda, milorde.

Sentada perto da janela, numa cadeira de espaldar alto que mais parecia um trono, estava a rainha Vitória, trajada de preto. Sua Majestade usava sempre roupas de luto, embora seu marido, o príncipe Albert, estivesse morto havia mais de vinte anos.

A luz do sol parecia envolver Sua Majestade, tornando mais suave a sua aparência, em geral austera e dominadora.

— Boa tarde, prezado conde — a rainha cumprimentou o ministro, amável. — Eu ficaria muito contente em revê-lo, caso não antecipasse qual a razão de sua visita.

— Vossa Majestade sabe que nós fazemos tudo ao nosso alcance para não aborrecê-la — começou o conde.

— Entretanto, o primeiro-ministro e eu não podemos tomar decisões sozinhos. E por esse motivo que vim até o castelo, com mais um problema.

A rainha sorriu.

— Sua visita sempre me alegra, em qualquer circunstância. Bem, vamos tratar quanto antes do assunto oficial que o trouxe aqui.

O conde respirou aliviado. Estando a rainha tão bem-humorada, sua tarefa não seria difícil como ele havia imaginado.

— Trata-se, novamente, de mais um pedido de ajuda, vindo dos Bálcãs. Outro príncipe recorre a nós, esperando merecer a proteção de Vossa Majestade.

— Imaginei que o assunto seria esse — assinalou a rainha em tom grave. — Mas, na última vez que você esteve aqui com o primeiro-ministro, eu disse que não tenho mais parentes para colocar no trono dos reinos e principados dos Bálcãs. Os soberanos que se vêem ameaçados pelos russos, devem procurar a proteção de outro país.

— Não há a quem recorrer, exceto a Vossa Majestade. Nós sabemos que a Rússia só teme e respeita a Grã-Bretanha — argumentou o conde.

Ele não ignorava que a rainha estava bem lembrada de que fora graças aos quatro navios de guerra enviados aos Dardanelos, pela Grã-Bretanha, que salvara Constantinopla de ser atacada pelo exército russo, quando este já se achava a seis milhas daquela cidade.

Temendo lutar com a Grã-Bretanha, os russos bateram em retirada.

Na ocasião, o general Gorchakov disse que a investida para conquistar Constantinopla custara à Rússia cem mil soldados escolhidos e bem treinados e cem milhões de libras!

"E para quê? Para nada!", o general concluíra, irritado.

Vendo frustrada a tentativa de tomar a maior cidade da Turquia, situada no lado europeu do estreito de Bósforo e do mar de Mármara, os russos passaram a agir sub-repticiamente para conseguir aumentar seu poder sobre os Bálcãs e o mar Negro.

O grande desejo do czar era continuar expandindo seu território na península Balcânica e dominar as costas do mar Negro para assim obter livre acesso ao Mediterrâneo pelos estreitos de Bósforo e Dardanelos, que ligam o mar Negro ao mar Egeu.

Assim, agentes russos, fazendo-se passar por comerciantes, se instalavam na península dos Bálcãs especialmente para causar distúrbios, insuflar revoluções e provocar atos de violência, visando assumirem o poder dos pequenos reinos e principados.

O único meio de impedir a ação desses agentes era ter no trono uma parente da rainha da Grã-Bretanha.

Todo soberano sabia que ostentar a bandeira do Reino Unido tremulando do lado da bandeira de seu país, era um meio seguro de manter os russos a distância.

Foram tantos os príncipes ameaçados que recorreram ã rainha Vitória, e tão grande o número dos que foram atendidos, que Sua Majestade se tornou conhecida como a "casamenteira da Europa".

A rainha se opunha violentamente à Rússia e havia tomado a resolução de fazer o que estivesse ao seu alcance para ajudar os reinos e principados dos Bálcãs que se vissem ameaçados pelos russos.

Sua Majestade já colocara noivas inglesas nos tronos de diversos principados, o que representava uma aliança com a Inglaterra. Em conseqüência dessa aliança, os governantes passavam a ter total tranqüilidade, uma vez que os russos não ousariam invadir país nenhum que tivesse a proteção da rainha Vitória.

No momento, infelizmente, não havia mais jovens com sangue real para tornarem-se noivas dos reis e príncipes dos Bálcãs.

Dotada de senso prático e detestando perder tempo, Sua Majestade perguntou de modo incisivo:

— Quem está pedindo a minha ajuda desta vez? Suponho que terei de ouvir uma história dolorosa de um príncipe desesperado. Entretanto, você sabe, prezado conde, que nada posso fazer.

— Foi exatamente isso que ouvi do primeiro-ministro, o Sr. Gladstone, quando recebemos inesperadamente a visita do barão Yuri Unkar, ministro das relações exteriores da Samósia.

— Samósia? — A rainha franziu a testa. — Não me lembro de ter ouvido falar desse lugar. Onde fica?

— E um principado muito pequeno, Majestade. Está situado no sul dos Bálcãs, e é banhado pelo mar Egeu. Foi para lá que Vossa Majestade mandou os couraçados que tiveram tanto êxito,

fazendo com que o exército russo voltasse para trás, desistindo de entrar em Constantinopla.

— Ah, sim, claro! A Samósia, embora seja bem pequena, ocupa uma posição geográfica privilegiada — a rainha recordou. — Em todo caso, isso não muda a situação. Não tenho mais parente disponível para sentar-se no trono de Samósia. Esses soberanos devem aprender a se defenderem sozinhos, pois não podem mais contar com o tipo de ajuda que pedem à Grã-Bretanha.

— Ontem à noite, o Sr. Gladstone e eu estávamos certos disso, Majestade — começou o ministro, cauteloso. — Porém, fiquei tão sensibilizado, que mal consegui dormir pensando no que estaria reservado para o príncipe Ivor, caso não pudéssemos ajudá-lo. Já havia quase amanhecido quando, subitamente, lembrei-me de um parente de Vossa Majestade, um primo em terceiro grau, que tem uma filha solteira.

A rainha fitou o conde, intrigada.

— Um parente? Primo? Não é possível. Não me esqueci de ninguém. Quantas e quantas vezes já examinei cuidadosamente a relação de pessoas da minha família e do querido Albert, sem encontrar uma jovem que esteja em idade de se casar.

Deliberadamente, o conde guardou um instante de silêncio antes de dizer:

— Vossa Majestade não se lembra desse primo a quem me refiro porque o pai dele afastou-se da família há muitos anos. O que ele fez causou na época comentários desagradáveis e envergonhou todos os parentes.

— De quem está falando? — quis saber a rainha, interessada no assunto.

Fez-se um prolongado silêncio antes de o conde de Granville revelar:

— Na ocasião em que tudo aconteceu Vossa Majestade era muito jovem. Naturalmente, sua mãe não iria fazer comentários sobre o mau comportamento de um parente, diante de uma criança. Mas as pessoas mais velhas se recordam do tremendo abalo que a família sofreu quando seu primo em segundo grau, um belo príncipe de vinte e quatro anos, casou-se contra a vontade da família. Os jornais também publicaram notícias sobre o príncipe e sua noiva.

A rainha inspirou fundo e exclamou logo depois:

— Agora sei que você está falando do primo Frederick, príncipe de Leiningen! Conheço sua história. Foi ele o único a romper definitivamente com a família porque fez o que chamamos de uma *mesalliance.*

— Exato — confirmou o conde. — Vossa Majestade nunca mais viu o príncipe Frederick, uma vez que depois de casado ele afastou-se dos parentes e foi com a esposa para Devonshire, onde viveram, tranqüilos, numa propriedade, no campo.

— Devonshire?! Frederick desapareceu completamente e ninguém sabia onde ele se encontrava.

— Muitas pessoas imaginaram que ele havia deixado a Inglaterra para morar em outro país. Comentavam que ele fizera bem de desaparecer, depois de ter-se casado com uma mulher de

nível tão inferior ao dele, envergonhando a família. Sei que foi muito feliz no casamento.

A rainha fitou o ministro como se não pudesse acreditar no que acabara de ouvir. Então, num tom de voz severo e mordaz, replicou:

— O príncipe Frederick não pode ter sido feliz. Ele chocou a família quando se casou com uma atriz! Uma mulher que se apresentava num palco!

— Por vezes o impossível torna-se possível — o conde falou brandamente. — Frederick e eu éramos grandes amigos e fomos colegas na universidade de Oxford. Pertencíamos ao mesmo time de críquete e à mesma equipe de remo. Asseguro que ele foi imensamente feliz no casamento. Sei que nem ele nem a esposa, cujo nome era Clare, jamais se arrependeram da decisão que tomaram. Ambos foram bastante corajosos para enfrentar a sociedade, casaram-se e preferiram viver isolados. E, a bem da verdade, devo dizer que a esposa de Frederick não era atriz e nunca representou papel nenhum. Ela era, sim, uma brilhante pianista, compositora e, de fato, tocava suas composições nos teatros porque fizeram grande sucesso e foram temas de musicais apresentados nos palcos de Londres e de outras cidades importantes.

— Pianista ou atriz, pouca diferença faz — rebateu a rainha. — Frederick era um príncipe, tinha sangue real nas veias e não poderia ter-se casado com esse tipo de mulher.

— Realmente, foi o que disseram, na época, a mãe de Vossa Majestade, os pais do príncipe Frederick e tantas outras pessoas, quando souberam da decisão de Sua Alteza de desposar uma pianista. Mesmo assim, contra a vontade de todos, ambos se casaram, deixaram Londres e nunca mais voltaram àquela cidade. Para evitar especulações sobre os desentendimentos que teve com a família, Frederick, que também era barão, passou a usar esse título e não era conhecido como príncipe.

— Foi bom eles terem desaparecido — opinou a rainha. — Com o tempo foram gradualmente esquecidos, até que nem mesmo a família lembrou-se mais deles.

— Sem dúvida, Majestade.

— O que você me diz da esposa de Frederick? Ela aceitou de bom grado o título de baronesa, quando podia ser a princesa de Leiningen? — perguntou Sua Majestade.

— Não só aceitou, como sempre viveu muito contente, porque tinha o marido do seu lado. Para ela não era o título de nobreza ou a posição social que importava e, sim, o amor que ela e Frederick sentiam um pelo outro. E por isso que eu digo honestamente a Vossa Majestade que poucos casais foram tão felizes quanto eles.

— Tornando-se baronesa, ela abandonou a carreira de pianista? — perguntou a rainha.

— A baronesa continuou a tocar piano, mas só se apresentava em saraus familiares e festas beneficentes — respondeu o conde.

— Como você pode afirmar que o casamento deles foi bem sucedido? — indagou a rainha com expressão de dúvida. — Pelo

que você disse, a diferença social que havia entre os dois não tornou seu casamento infeliz.

— Pelo contrário, o príncipe e a esposa viveram felizes durante mais de trinta anos. Eram apaixonados um pelo outro. Da união de ambos nasceu Vladimir, primo de Vossa Majestade em terceiro grau. Ele está casado, tem uma filha moça e dois garotos adolescentes.

Para grande satisfação do ministro, a expressão severa da rainha abrandou-se. Sua Majestade demonstrou interesse pela história e indagou, sem esconder sua curiosidade:

— Como sabe de tudo isso? Por que está tão bem informado sobre Frederick, Vladimir e sua família?

— Nas minhas últimas férias fiz uma viagem no meu iate e ancorei a pouca distância de Plymouth. Quando desci a terra, vi um homem elegante, de porte atlético, acompanhado de uma moça muito bonita, dirigindo-se para um navio que estava parado no porto. Fiquei impressionado com o cavalheiro, pois era muito parecido com o príncipe Frederick.

— Então você foi até ele — deduziu a rainha.

— Sim, Majestade — o conde concordou. — Fiquei sabendo que ele era Vladimir, filho do príncipe Frederick de Leiningen, e a jovem que o acompanhava era sua filha. Vladimir insistiu para que eu conhecesse sua casa e a família e aceitei o convite.

— Que extraordinário! — exclamou a rainha, verdadeiramente admirada.

— Foi o que eu pensei naquele momento. Nunca esperei encontrar o filho do príncipe Frederick. Vladimir mora com a família na linda propriedade que herdou do pai. Fica numa vila, no centro de Devonshire. A filha mais velha do casal é Linetta, uma jovem linda. Abaixo dela há dois rapazinhos.

— Que idade tem essa moça? — inquiriu a rainha, cada vez mais interessada no assunto.

Possuidora de raciocínio rápido, considerou por um momento que a filha do príncipe Vladimir talvez fosse a solução para o problema que lhe estava sendo apresentado.

Se a moça tivesse as qualidades exigidas para ser a noiva do príncipe Ivor da Samósia, a Inglaterra estaria, mais uma vez, impedindo os russos de conquistarem outro território, aumentando assim, o seu império já tão vasto.

A resposta do conde interrompeu-lhe as reflexões.

— Lady Linetta está com dezenove anos. Completará vinte dentro de alguns meses.

A rainha ficou por um instante em silêncio, depois falou devagar:

— E você disse que é muito bonita...

— Mais do que isso, Majestade. Lady Linetta é belíssima e muito inteligente — frisou o conde. — Também é exímia pianista, como a avó.

— Espero que ela não se apresente em palcos — tornou a rainha com uma nota irônica na voz.

— Oh, não! O príncipe tem idéias muito rígidas quanto à educação dos filhos — acudiu o ministro. — Os meninos estudam

em Eton, depois irão para a universidade de Oxford, como o pai e o avô. Lady Linetta recebeu uma educação aprimorada; esteve num colégio interno, na França, e fala diversos idiomas. Em minha opinião, é a jovem perfeita para Vossa Majestade apresentar como noiva do príncipe Ivor da Samósia.

— Bem, é inegável que essa moça tem sangue real. Por nascimento Linetta é uma princesa — admitiu a rainha. — De mais a mais, não tenho, que eu saiba, outra parente jovem e solteira.

— Só há mesmo lady Linetta, ou melhor, a princesa Linetta — o conde concordou. — Caso ela aceite o pedido de casamento, deve partir para a Samósia o mais discretamente possível. Será muito desagradável se a história do avô vier à tona.

— Tudo aconteceu há muito tempo e está esquecido — disse a rainha com otimismo. — Custa-me acreditar que você tenha encontrado o príncipe Vladimir de Leiningen e conhecido sua família.

— Foi obra do destino, Majestade — mencionou o conde com simplicidade.

— Espero que você não tenha comentado com ninguém sobre o que tratava a carta do ministro das relações exteriores da Samósia.

— E claro que mantive o assunto em segredo — enfatizou o conde. — Só o primeiro-ministro, Vossa Majestade e eu sabemos dessa carta e do pedido do príncipe Ivor. E agora, estando Vossa Majestade a par do assunto, eu gostaria de saber se concorda em salvar mais um principado de cair nas mãos dos russos.

— Farei tudo ao meu alcance para atender ao pedido do príncipe Ivor — prometeu a rainha.

— Era o que eu esperava que dissesse, Majestade. Ainda ontem, o primeiro-ministro estava convencido de que nada podia ser feito para ajudar o jovem príncipe da Samósia, e achou que não devíamos aborrecê-la, Majestade, nem tomarmos o seu precioso tempo. Mas o prezado Gladstone estava enganado.

O conde disse isso propositadamente. Sabendo que a rainha não gostava do Sr. Gladstone, teve certeza de que ela faria tudo ao contrário do que o primeiro- ministro esperava, ainda que fosse apenas pelo simples prazer de mostrar que ele se enganara.

— E claro que devemos combater os russos! Eles vêm se comportando de maneira execrável — a rainha indignou-se.

— Sem dúvida. A ambição do czar é desmedida. A única pessoa capaz de proteger os Bálcãs contra eles é Vossa Majestade — o conde falou em tom lisonjeiro.

Em seguida calou-se e aguardou pacientemente. Compreendeu que a rainha Vitória tinha razão de mostrar-se indecisa.

O fato de lady Linetta ser sua parente e ter, claro, sangue real nas veias, representava a solução para o problema que lhe era apresentado. Ao mesmo tempo, Sua Majestade sentia-se constrangida de procurar o príncipe Vladimir, cujo pai envergonhara a família.

Por fim, depois de longo silêncio, a rainha falou devagar:

— Minha sugestão, prezado conde, é que você e o primeiro-ministro da Samósia, façam uma visita ao príncipe Vladimir de Leiningen para expor-lhe a situação. Valendo-se do ensejo, o primeiro-ministro pede a mão de lady Linetta, em nome do príncipe Ivor. Tudo o que eu posso fazer além disso, é dar a minha bênção à noiva e providenciar um couraçado para levá-la ao encontro do futuro marido.

Ao ouvir a decisão da rainha, o conde controlou-se para não dar vivas. Teve até a impressão de que o sol, que já progredia para o oeste, tornara-se mais luminoso.

Curvou-se mais do que normalmente e declarou:

— Vossa Majestade é muitíssimo benevolente e compreensiva. O soberano e o povo da Samósia lhe serão imensamente gratos por tê-los salvo da opressão da Rússia.

— Estou fazendo o que julgo ser meu dever — a rainha falou com modéstia. — Faço votos de que Vladimir concorde em conceder a mão da filha ao príncipe Ivor. Será muito embaraçoso se, por questões pessoais e familiares, meu primo não consentir no casamento.

— Não podemos antecipar qual será a reação do príncipe Vladimir. Acredito, porém, que ele se sentirá honrado com o pedido feito pelo primeiro-ministro, em nome do príncipe reinante da Samósia.

— Ninguém deve saber que o príncipe Ivor recorreu a nós para arranjar-lhe uma noiva, nem que dei permissão para você e o barão Yuri Unkar procurarem o príncipe Vladimir — avisou a rainha.

— Compreendo, Majestade. Está sendo muito sensata. Pode confiar em mim. Amanhã partirei para Devonshire e assim que tiver falado com o príncipe Vladimir, voltarei a este castelo com a resposta dele e de lady Linetta.

— Sim, sim, vá quanto antes. Sabemos que o caso é urgente — asseverou a rainha. — Quando espera voltar?

— Dentro de quatro ou cinco dias. Irei de trem, pois a viagem será mais rápida do que de carruagem.

O conde curvou-se novamente e despediu-se:

— Bem, devo partir. Voltaremos a nos ver no início da outra semana. Obrigado, do fundo do coração, por sua compreensão e bondade. Ninguém entende tão bem como Vossa Majestade que é de extrema importância manter os russos no seu próprio país.

— O problema é que eles não têm intenção de se acomodarem, caro conde. — A rainha suspirou. — O que seria dos pequenos reinos e principados dos Bálcãs que já se viram ameaçados pelos russos, se não fosse a aliança com a Grã-Bretanha?

— Todos reconhecem o que Vossa Majestade tem feito e louvam a sua magnanimidade — finalizou o ministro.

Curvando-se sobre a mão que a rainha Vitória lhe estendeu, ele afastou-se, de costas, até a porta.

— Foi uma longa audiência, milorde — comentou o camarista que o acompanhou até o andar térreo. — E, ao que parece, tudo correu bem.

— Muito melhor do que imaginei — informou o conde. — Vocês não precisam se preocupar; Sua Majestade continuará de bom humor.

— E uma boa notícia, milorde — alegrou-se o camarista. — Aceita uma xícara de chá ou uma taça de champanhe, antes de partir?

— Não, obrigado — o conde recusou o oferecimento.

— Devo voltar a Londres imediatamente. Tenho uma reunião importante ainda hoje. Em outra ocasião nós beberemos juntos ao sucesso da Inglaterra em tudo o que empreende.

— Esse tipo de brinde é o que mais me alegra fazer

— tornou o camarista, sorrindo.

A carruagem oficial já estava esperando no pátio e o conde pediu ao cocheiro para levá-lo de volta a Londres o mais depressa possível.

Transpondo os portões do castelo e alcançando a estrada, o conde disse a si mesmo, satisfeito, que sua missão fora um completo triunfo. Só esperava ter o mesmo sucesso na sua visita ao príncipe Vladimir.

Se tudo corresse como ele esperava, o conde continuou a refletir, a Samósia teria a proteção da Grã- Bretanha e não seria mais ameaçada pela Rússia.

A rainha Vitória exultaria por ter conseguido, mais uma vez, colocar a bandeira do Reino Unido em um país dos Bálcãs. Isso representaria um triunfo para a Grã-Bretanha e um desastre e um desapontamento para o czar.

Tais pensamentos fizeram o conde considerar que o czar, com a sua ambição desmedida, sua ânsia de poder e a pretensão de continuar expandindo o território russo, também representava uma ameaça para a índia.

Havia murmúrios de que os russos ambicionavam, acima de tudo, tirar da Inglaterra a índia, considerada a "Jóia da Coroa".

Jovens cossacos, com seus cavalos velozes, já avançavam pela Ásia, conquistando pequenas tribos e povoações e aproximavam-se cada vez mais da índia.

O conde suspirou. Se a Inglaterra não quisesse perder esta última para a Rússia, teria de defendê-la e protegê-la de modo muito mais eficiente e atuante do que estava sendo feito no momento.

Assim que chegou a Londres, o ministro das relações exteriores foi informado de que o Sr. Gladstone recebera uma mensagem urgente para ir a Norfolk.

A notícia alegrou o conde. Não veria o primeiro-ministro porque na manhã seguinte partiria para Devonshire, que ficava na direção oposta à de Norfolk. Tampouco teria de falar com o Sr. Gladstone sobre o resultado da visita à rainha Vitória.

Para manter em segredo o motivo de sua ida a Devonshire, o conde avisou um de seus assessores que iria ausentar-se de Londres por alguns dias para tratar de assuntos familiares.

Em seguida, foi para o seu gabinete. Encontrou à sua espera o ministro das relações exteriores da Samósia.

O barão Yuri Unkar, cavalheiro alto e elegante, de quarenta e dois anos, ficou de pé e disse, assim que o conde de Granville entrou na sala:

— Suponho que tenha boas notícias para mim.

— Devo dizer-lhe, para tranqüilizá-lo, que a primeira parte de minha missão foi um sucesso — adiantou o conde de Granville. — Entretanto, só poderemos nos considerar vitoriosos depois da visita que fizermos a uma pessoa que mora em Devonshire. Mais tarde lhe contarei como foi a audiência com a rainha Vitória.

— Quem é essa pessoa e por que iremos a Devonshire?

— Não convém falarmos sobre esse assunto aqui. Teremos tempo de sobra para conversarmos amanhã, durante a viagem. Mas lhe adiantarei alguma coisa se você acompanhar-me até meu escritório particular. Preciso ir para casa preparar-me para a viagem. Minha esposa ficará aborrecida quando souber que amanhã não estarei em Londres. Fomos convidados para uma festa e ela terá de ir sozinha. Também lamento, caro Yuri, mas o convite que lhe fiz, para passar o fim de semana na minha casa de campo terá de ser cancelado.

— Obrigado da mesma forma. Você é muito amável e hospitaleiro — agradeceu o barão. — A ida à sua casa de campo ficará para outra vez. Partiremos ainda esta noite para Devonshire?

— Não, amanhã cedo, às nove. Bem, a carruagem está à minha espera. Vamos, prezado barão. Conversaremos, e depois a carruagem o levará onde está hospedado — convidou o conde de Granville.

— Sim, claro — aceitou o barão. — Estou ansioso para ouvir o que tem a dizer.

— Compreendo a sua ansiedade — tornou o conde, adiantando-se para abrir a porta.

Foi um gesto automático, pois Sua Senhoria tinha a mente ocupada com as inúmeras providências que teria de tomar para que tudo corresse bem e esta segunda etapa de sua missão fosse tão bem sucedida quanto a primeira.

Se lograsse êxito completo, ficaria imensamente satisfeito por ter contribuído para mais uma vitória da Inglaterra sobre a Rússia.

Também usufruiria daquela tranqüilidade agradável e benfazeja que experimentam todos aqueles que vêem seu dever cumprido.

CAPÍTULO II

"Acredito que não me esqueci de nada", disse a si mesmo o conde de Granville ao acordar, na manhã seguinte.

Após o breakfast, verificou se estava tudo em ordem e, por fim, despediu-se da esposa.

— Quando estará de volta? — a condessa quis saber.

— O mais depressa possível — ele respondeu. — Mas você sabe como são as pessoas em geral. Demoram a se decidir e nos prendem por mais tempo do que seria necessário. Ninguém tem um raciocínio rápido e brilhante como o seu, minha querida.

A esposa sorriu e beijou-o.

— Cuide-se bem — recomendou. — Tentarei sobreviver sem você. Provavelmente a espera não será tão angustiante, querido. Estarei muito ocupada atendendo as pessoas que irão bater à porta desejando vê-lo para pedir-lhe que os ajude a solucionar seus problemas, e não verei o tempo passar.

— Trabalhar com países estrangeiros tem suas desvantagens. Ao mesmo tempo, agrada-me o que faço e posso lhe assegurar que nunca sinto tédio — alegou o ministro.

— Ninguém é mais dedicado do que você. Chego a sentir ciúme daqueles com quem você emprega a maior parte do seu tempo, esquecendo-se de mim — disse a condessa.

Não havia censura ou queixa em sua voz e sim uma nota carinhosa.

O marido beijou-a novamente e prometeu-lhe:

— Não fique triste, querida. Serei muito mais atencioso quando eu voltar. Nada me agrada mais do que ficar junto de uma mulher tão maravilhosa como você.

O casamento de ambos era muito feliz. O conde considerava-se um homem afortunado porque sua mulher compreendia as dificuldades do cargo que ele ocupava.

Longe de se queixar dos constantes compromissos do marido, que o mantinham fora de casa, privando-a da sua companhia, a condessa o ajudava em tudo o que estivesse ao seu alcance e orgulhava-se de ser casada com um homem tão brilhante.

As nove horas, como ficara combinado, o conde de Granville tomou o assento na carruagem, do lado do Barão Yuri Unkar e ambos dirigiram-se para a estação Paddington, onde embarcaram no trem das nove e meia, com destino a Plymouth.

Embora não fosse uma viagem direta, a qual os obrigaria a fazer duas baldeações, lhes proporcionaria maior conforto e seria muito mais rápida do que se elos fossem de carruagem.

O secretário do conde reservara para os dois viajantes um vagão confortável com uma saleta mobiliada de dois compartimentos. Em um deles foi colocada a bagagem e o outro foi

ocupado pelo valete que sempre acompanhava o conde em suas viagens.

Como a viagem seria diurna, nesse vagão não havia dormitórios.

O restaurante também já fora avisado que as refeições deviam ser servidas no vagão privativo reservado para o conde de Granville e o barão Yuri Unkar.

Era sempre assim que o ministro viajava quando preferia o trem à carruagem. Dessa forma tinha privacidade e não corria o risco de ser espionado.

O valete do conde comprara os jornais do dia para distrair os viajantes e providenciara uma garrafa de champanhe que já fora deixada no gelo, à disposição de Suas Senhorias.

— Você viaja em grande estilo e com todo conforto — observou o barão, admirado. — Os trens para Constantinopla já passam pelos Bálcãs, mas estamos a grande distância de Sofia e preferimos viajar em carruagens ou navios.

— Não sou um grande entusiasta de viagens de trem — confessou o conde. — No entanto, reconheço que, graças às novas locomotivas, os trens tornaram-se muito rápidos, especialmente os expressos, que fazem poucas paradas.

Assim que o trem ganhou velocidade, o conde expôs ao barão, com detalhes, como havia sido a audiência com Sua Majestade e contou-lhe que estavam indo visitar um parente da rainha Vitória que tinha uma filha solteira de dezenove anos.

As notícias deixaram o barão mais descontraído e muito esperançoso. Para passar o tempo, leu os jornais, depois distraiu-se admirando a paisagem.

Entretanto, a distância de Londres a Plymouth era grande e a viagem, que lhe pareceu interminável, deixou-o entediado. Quando o sol declinava no horizonte, o trem chegou ao seu destino.

— Aqui estamos, finalmente! — exclamou o barão com entusiasmo.

O conde controlou-se para não fazer coro com o barão e dar vivas porque haviam chegado.

Sendo muitíssimo organizado, o conde cuidara de todos os detalhes da viagem para que não surgisse nenhum contratempo.

Na véspera um mensageiro deixara Londres e cavalgara a noite toda para avisar o príncipe Vladimir da chegada do ministro das relações exteriores e um amigo.

Ao ver na plataforma movimentada um criado usando a libré de Sua Alteza, o conde respirou aliviado. Reconheceu que seus cuidados valeram a pena.

Seria desastroso se o mensageiro não tivesse chegado a tempo de avisar o príncipe Vladimir e este relutasse em receber visitantes inesperados.

Satisfeito por tudo estar correndo tão bem, o conde aproximou-se do homem empertigado e apresentou-se. Poucos minutos depois, achava-se com o barão no luxuoso coche do príncipe Vladimir, puxado por dois excelentes cavalos.

O valete, ajudado pelo carregador, acomodou a bagagem na parte de trás do veículo e subiu para a boléia, sentando-se do lado do cocheiro.

— Estou maravilhado com o seu modo de agir, a sua eficiência, e a organização do seu gabinete, caro Granville — louvou o barão. — Eu gostaria que na Samósia fôssemos como vocês.

— As dificuldades que vocês estão tendo são decorrentes da instabilidade reinante no país — ponderou o conde. — Vocês nunca sabem o que irá acontecer no dia seguinte. Por isso vivem alertas e alarmados. Quando a situação tornar-se estável, a ordem e a paz reinarão na Samósia e haverá prosperidade.

— Estamos amedrontados — admitiu o barão. — Só há poucos meses descobrimos que os russos estão se infiltrando em nosso território e têm conseguido habilmente formar núcleos de pessoas treinadas para causar distúrbios, espalhar o descontentamento e fomentar revoltas.

— E assim que os russos agem — concordou o conde.

Já aconteceu a mesma coisa em outros principados, caro barão. Eles insuflam a população contra o governo e em seguida assumem o poder, alegando que só visam restabelecer a ordem. Tarde demais governo e o povo compreendem que estão sob o domínio do czar.

O barão assentiu com a cabeça; duas profundas rugas marcavam-lhe a testa.

Os cavalos deixaram a cidade de Plymouth e alcançaram a estrada bem-cuidada que conduzia à propriedade do príncipe Vladimir, no campo.

A paisagem campestre era tão encantadora e sugeria tanta paz que o conde não pôde deixar de refletir que os ingleses eram privilegiados por não viverem amedrontados, temendo uma invasão ou a infiltração de estrangeiros interessados em conquistar o país.

Ele compreendia muito bem como era inquietante sentir-se inseguro, com medo de uma revolta ou receando que o inimigo poderoso tomasse de assalto vilas e cidades que não tinham meios de se defender.

"Sinto-me no dever de ajudar o príncipe Ivor e o povo da Samósia", disse o conde a si mesmo. "E não há tempo a perder."

Com base na sua experiência, o ministro das relações exteriores não ignorava que uma demora poderia ser fatal. Se já estava havendo distúrbios no país, na primeira oportunidade os russos assumiriam o poder, destituindo o soberano do trono e o principado perderia a sua autonomia.

Sem dúvida, a situação era delicada e a Samósia precisava de ajuda com urgência, o conde continuou com suas reflexões. Desejou, ao mesmo tempo, que o príncipe Vladimir fosse objetivo e não hesitasse em conceder a mão da filha ao príncipe Ivor.

A casa de Sua Alteza, na verdade uma luxuosa mansão, ficava apenas cinco milhas distante de Plymouth e próxima a uma pequena vila. Depois de passarem por muitos e extensos campos de trigo e um bosque,

os viajantes transpuseram o portão da propriedade de Sua Alteza.

O coche seguiu por um longo caminho coberto de cascalho e ladeado de bétulas que conduzia à casa grande e magnífica, de tijolos vermelhos.

Depois de atravessar a graciosa ponte de madeira sob a qual corria um riacho cristalino que ia alimentar um lago, a carruagem parou num pátio amplo, cercado de rododentros.

Dois lacaios em elegante e vistosa libré desenrolaram um tapete vermelho sobre os degraus à frente da casa, enquanto outro apressou-se para abrir a porta do coche.

Os visitantes foram recebidos por um mordomo de cabelos grisalhos que os saudou cortesmente.

— Sua Senhoria os receberá no salão — informou.

E de admirar que tenham chegado tão depressa.

— Conseguimos embarcar no primeiro trem e este, felizmente, não se atrasou — disse o conde.

— Tiveram sorte. Não se pode confiar nesses trens, principalmente em viagens longas. Na semana passada Sua Senhoria estava esperando alguns hóspedes e estes chegaram com três horas de atraso por causa de um problema com a locomotiva — observou o mordomo com simpatia.

Ouvindo o mordomo referir-se ao patrão como "Sua senhoria" e não "Sua Alteza Real", o conde disse a si mesmo que devia ter sempre em mente que o príncipe Vladimir usava o título de barão.

O mordomo, que já se adiantara para abrir uma porta, anunciou:

— O conde de Granville e um amigo, milorde.

Na carta que enviara ao príncipe, pelo mensageiro, o conde, propositadamente, não mencionara o nome do barão nem seu cargo.

No salão decorado com bom gosto, e perfumado pelas flores que o enfeitavam, estava o príncipe Vladimir, um homem alto, forte, de olhos e cabelos castanhos, ainda muito bonito, apesar dos quarenta e sete anos.

Mais uma vez o conde refletiu que Sua Alteza era muitíssimo parecido com o pai, o príncipe Frederick de Leiningen, um dos mais belos e bem-sucedidos aristocratas do seu tempo.

— Sejam bem-vindos — saudou o príncipe, indo ao encontro dos visitantes.

— E um prazer revê-lo — tornou o conde, apertando a mão do príncipe.

Voltando-se para o barão, apresentou-o:

— Este é um amigo, o barão Yuri Unkar.

O príncipe olhou para o estrangeiro com indisfarçável curiosidade ao estender-lhe a mão. Disse em seguida:

— Por favor, sentem-se. Estou certo de que ambos aceitarão alguma bebida com prazer, depois de uma viagem tão cansativa que, felizmente, não faço. Vivo muito bem aqui e vou a Londres tão raramente que receio não saber ir da estação a Piccadilly.

Nesse instante o mordomo entrou no salão carregando uma bandeja de prata na qual havia champanhe e *petits-fours.* Um lacaio o acompanhava para servir o príncipe e seus visitantes.

Quando os serviçais se foram, o príncipe falou polidamente:

— Sua mensagem surpreendeu-me, prezado conde, principalmente porque você mencionou que o assunto era urgente e de extrema importância. E claro que a visita de ambos, muito me honra, porém não sei em que posso servi-los.

— Irei direto ao assunto, pois não podemos perder tempo. Toda demora será favorável aos russos.

— Aos russos?! — repetiu o príncipe, parecendo intrigado.

— Em primeiro lugar devo dizer a Vossa Alteza Real...

O príncipe ergueu a mão.

— Um momento, por favor. Aqui sou um simples barão. Ninguém sabe que tenho outro título. Como papai, nunca revelei que sou o príncipe de Leiningen.

— Perdoe-me a distração — desculpou-se o conde.

E a força do hábito. Para mim seu pai e você nunca deixaram de ser príncipes. Mas não cometerei o mesmo engano.

— Deixemos as formalidades. Prefiro que me chame de Vladimir apenas — pediu o príncipe com simplicidade. — Mas voltemos ao assunto que os trouxe aqui.

— Sim, claro. Tentarei ser breve. Você sabe que a Rússia representa uma ameaça para a Bulgária e outros países da península Balcânica. E por esse motivo que estou aqui com o barão Yuri Unkar, o ministro das relações exteriores da Samósia, um principado que está prestes a ser invadido pelos russos.

O príncipe assentiu com a cabeça.

— Apesar de a Samósia ser um principado pequeno, com uma posição privilegiada, pois é banhada pelo mar Egeu — o conde prosseguiu. — Como os russos querem ler acesso ao Mediterrâneo, estão provocando distúrbios naquele principado para, por fim, assumirem o poder.

— Estou a par do que os russos têm feito. Só posso dizer que a conduta do czar é deplorável — condenou d príncipe.

— E o que eu penso — tornou o conde. — Bem, outros principados dos Bálcãs ficaram livres da ameaça representada pelos russos porque tiveram a proteção da rainha Vitória. Sua Majestade tem colocado parentes nos tronos de vários países, assegurando-lhes a paz. Todos nós sabemos que o czar teme e respeita a Inglaterra. E desta vez é o soberano da Samósia quem está pedindo ajuda. Porém, não tendo mais parentes, a rainha estava decidida a recusar o pedido do príncipe Ivor. Foi então que a história do príncipe Frederick de Leiningen veio à tona.

O conde parou de falar e fitou o príncipe. Sua expressão dizia tudo. Não havia necessidade de palavras.

Homem inteligente e perceptivo, Sua Alteza Real não teve mais dúvidas sobre a razão daquela visita. Sabia muito bem onde o conde estava querendo chegar.

Tenso e muito apreensivo, o barão manifestou-se pela primeira vez:

— Por favor, Alteza, ajude-nos! Não podemos deixar que os russos invadam a Samósia, matem nosso príncipe e assumam o poder. Isso já aconteceu em outros principados.

Fez-se um instante de pesado silêncio.

Então, o príncipe, dirigindo-se ao conde, em vez de ao barão, falou calmamente:

— Assim que você me disse que o barão era o ministro das relações exteriores da Samósia, tive certeza do que ambos pretendiam. Bem, imaginei que ninguém se lembrasse mais de meu pai e muito menos de mim Afastamo-nos da corte para viver no campo e passamos a usar o título bem mais modesto de barão.

— Mas você continua sendo um príncipe e é primo de Sua Majestade — apontou o conde.

— E verdade. E esse parentesco deixou você e Sua Majestade convencidos de que concordarei em oferecer a mão de minha filha ao príncipe Ivor e mandá-la para a Samósia, expondo-a ao perigo! — inferiu o príncipe.

— Oh, não! Sua filha não correrá perigo nenhum — garantiu o conde. — Você sabe que, tendo a bênção e a proteção da rainha Vitória, a princesa Linetta estará segura.

Inquieto, o príncipe ficou de pé e foi até uma das janelas que se abria para o jardim. Questionou, sem se voltar para os visitantes:

— Tenho vivido muito feliz aqui com a minha família. Por que eu iria arruinar a nossa felicidade, mandando minha filha para um principado obscuro onde nunca estive, para casar-se com um estrangeiro que nunca vi, e sobre quem nada sei?

— Compreendo os seus sentimentos e respeito-os — volveu o conde. — Porém, Sua Majestade não tem outra parente solteira. O príncipe e o povo da Samósia imploram por nossa ajuda.

Sentindo-se na obrigação de defender o principado e seu soberano, o barão argumentou:

— O príncipe Ivor é um homem admirável, muito culto, estudou na França e está com trinta anos. Quanto à Samósia, é um principado encantador, próspero, rico em minérios, seu povo é extremamente pacífico e alegre. Está nas mãos de Vossa Alteza Real e da princesa Linetta, salvar-nos.

Não se contendo, o conde levantou-se e foi até o príncipe.

— Eu sei, Vladimir, que tomar uma decisão como cuia é difícil. Asseguro-lhe que eu não teria vindo procurá-lo se a situação não fosse extremamente delicada. Não podemos deixar que a Rússia continue conquistando outros territórios e se torne cada vez mais poderosa, a ponto de representar uma ameaça até mesmo pura a Grã-Bretanha! Se temos um meio de, mais vez, frustrarmos os planos do czar, por que hesitar?

O príncipe não respondeu e o conde prosseguiu:

— O primeiro impulso de Sua Majestade foi recusar-se a ajudar a Samósia. De fato, ela não se lembrava do parentesco com o príncipe Frederick. Na época em que ele se casou e desapareceu, a rainha era muito jovem. Na verdade, o príncipe e a esposa acabaram sendo esquecidos praticamente por todo o *beau monde.*

— Aconteceu o que meu pai previa, felizmente - disse o príncipe.

— Mas eu nunca me esqueci de Frederick e quando, há pouco tempo, vi você com sua filha, em Plymouth, Vladimir, o reconheci por ser a figura perfeita de seu pai.

— Então, a rainha nada sabia sobre mim, minha esposa e meus filhos? — admirou-se o príncipe.

— Não. Ela conheceu Frederick, naturalmente, mas depois que ele se casou e rompeu com a família, todos os parentes fizeram questão de esquecê-lo. Foi como se estivesse morto.

— Tudo estava tão bem, e agora vocês aparecem pedindo-me para permitir que minha filha se case com um príncipe estrangeiro. Como poderei separar-me de Linetta? Ora, vocês estão pedindo demais! — protestou o príncipe.

— Compreenda, caro Vladimir, que não terá sua filha sob este teto para sempre. Se ela não casar com o príncipe Ivor, casará com outro, e o deixará. Mas nada o impedirá de visitar a princesa com freqüência — argumentou o conde.

O príncipe sorriu.

— Você é muito inteligente e tem argumento para tudo. A rainha não poderia ter escolhido melhor emissário.

O conde também sorriu.

— Há muito tempo não recebo um elogio como esse.

Voltando a ficar sério, continuou:

— Posso avaliar o que está sentindo, Vladimir. Entretanto, sua filha terá a chance de, não apenas salvar a Samósia, mas também de tornar o principado o mais famoso e respeitado de todo os Bálcãs.

O príncipe deu um profundo suspiro. O silêncio que se seguiu pareceu ao conde durar um tempo longo demais.

Por fim o príncipe manifestou-se:

— Tudo o que eu posso sugerir é que vocês conversem com minha filha. E ela quem deve dizer "sim" ou "não" à proposta de vocês, decidindo assim o próprio futuro. Sejam persuasivos e saibam convencê-la de que poderá salvar a vida de milhares de pessoas ou apenas olhar de lado, indiferente à sorte delas.

Sem esperar pela resposta do conde, o príncipe foi ale a lareira e puxou a corda da campainha que pendia do lado da cornija.

Sentindo que precisava de uma bebida estimulante, serviu-se de champanhe e ofereceu mais uma taça aos visitantes que a recusaram.

A porta abriu-se e o mordomo apareceu.

— Chame lady Linetta, Hunter. Diga-lhe para vir até aqui — ordenou o príncipe.

— Perfeitamente, milorde.

Assim que o mordomo saiu, fechando a porta, o conde desculpou-se.

Lamento, Vladimir, se o aborreci. Mas você e sua filha são as únicas pessoas deste país que podem nos ajudar. Ambos são parentes de Sua Majestade.

—Suponho que só você lembrou-se desse parentesco...

— Seu pai e você souberam esconder-se muito bem. Frederick foi um grande amigo e colega, caro Vladimir. Passamos bons momentos juntos — recordou o conde.

—Acredito que eu o encontrei em Plymouth por obra do destino.

A entrada de Linetta no salão interrompeu a conversa. Apesar de já conhecê-la, o conde ficou por um momento admirando-a.

A jovem princesa era belíssima. Era alta, esbelta, caminhava com graça e leveza. Os cabelos loiros, longos e ondulados, tinham um toque de ruivo. Os grandes olhos profundamente azuis como o Mediterrâneo, orlados de cílios longos e escuros, era o que mais encantava no seu rosto ovalado.

A pele era perfeita e o longo pescoço fazia com que Linetta parecesse mais alta do que realmente era.

Mas o que a tornava diferente de todas as outras moças da mesma idade era difícil de explicar. Havia nela uma pureza que vinha de seu interior e emprestava-lhe um ar etéreo, espiritual.

"Essa jovem tem um porte de rainha", o conde pensou.

— E bom revê-lo, senhor conde — disse Linetta Ficamos alegres quando papai nos disse que receberíamos a sua visita. Os amigos de vovô são muito Queridos.

— Frederick e eu fomos, realmente, grandes amigos. Jogávamos críquete no colégio e em minha casa. Seu avô era o melhor lançador — lembrou o conde.

— Papai também foi excelente jogador e meus irmãos pertencem ao melhor time de Eton — Linetta falou com orgulho.

— É a tradição da família — comentou o conde.

— Bem, acredito que o senhor e seu amigo não fizeram essa viagem tão longa de Londres até aqui par recordar os velhos tempos, não? — Linetta indagou dirigindo ao conde um sorriso irresistível.

— Você é muito inteligente, o que não me surpreende, sendo filha de Vladimir e neta de Frederick. — o conde também sorriu. — Por favor, sente-se, lady Linetta. Devo dizer-lhe que meu amigo e eu viemos até aqui para falar-lhe.

— Falar *comigo*!? — Linetta admirou-se. — Sobre o quê?

— Meu amigo e eu temos uma proposta para lhe apresentar — respondeu o conde. — Esperamos que a ouça com atenção e estude-a como se fosse uma prova do colégio na qual você deseja obter a nota máxima.

— É tão sério assim?

Ao fazer a pergunta, Linetta olhou para o barão, e o conde lembrou-se de apresentá-lo.

— Perdoe-me, lady Linetta, por ter-me esquecido de apresentá-la ao meu amigo, o barão Yuri Unkar, ministro das relações exteriores da Samósia.

A expressão nos olhos de Linetta revelaram ao conde que ela já entendera a razão daquela visita.

Os dois ministros iriam fazer-lhe um pedido e este exigiria dela um grande sacrifício.

CAPÍTULO III

Reinou no salão, por alguns segundos, um silêncio desconfortável, depois do qual o conde disse ao barão, que não parecia nem um pouco à vontade:

— Creio, Yuri, que agora a palavra é sua.

O barão ficou de pé e, muito devagar, falando um inglês fluente, embora com leve sotaque, explicou a Linetta como estava a situação na Samósia.

Ao final da exposição, que durou quase dez minutos, sentou-se novamente, tendo o rosto marcado por rugas de preocupação.

Linetta, por sua vez, questionou com ar de incredulidade:

— Está, realmente, pedindo que eu me case com um homem que nunca vi e de quem não ouvi falar até este momento?

— Não há outro modo de salvar a Samósia — respondeu o barão. Asseguro-lhe que muitas pessoas morrerão e as que ficarem sob o jugo da Rússia viverão infelizes pelo resto da vida.

Erguendo-se da cadeira, Linetta sentou-se numa almofada, aos pés do pai. Olhou para ele, suspirou e perguntou-lhe em seguida:

— O senhor também está a par da situação na Samósia, papai; diga-me, o que devo fazer?

— E claro que, por minha vontade, você ficará aqui em casa, com nossa família. Entretanto, não sei se teremos paz de consciência se deixarmos tantas pessoas sofrerem, e até morrerem, porque não fomos bastante corajosos para enfrentar a Rússia — ponderou o príncipe. — Conheço bem os russos e sei que eles estão determinados a tomar, se possível, todo os Bálcãs. E a Samósia é muito importante para eles por estar numa posição geográfica privilegiada.

— Os russos não temem outra potência que não seja a Grã-Bretanha? — indagou Linetta.

— Infelizmente, não. Nenhum outro país tem um poderio bélico como o nosso. E, se quer saber, minha filha, a Rússia espera, com o tempo, conquistar a índia.

Apesar dos protestos de Linetta, achando impossível acontecer o que o pai acabava de mencionar, o conde e o barão concordaram com Sua Alteza Real.

Sem dúvida, a índia era o prêmio que a Rússia cobiçava, acima de tudo.

— Deve haver alguma outra jovem inglesa que, não só aceitará casar-se com o príncipe, como também exultará com a idéia de tornar-se importante — especulou Linetta, dirigindo-se ao barão.

Foi, porém, o conde quem respondeu:

— Estive ontem no castelo de Windsor e a rainha Vitória assegurou-me que não tinha mais parentes solteiras para se casar com o príncipe da Samósia. Fui quem que a lembrou da prima em quarto grau, neta do príncipe Frederick de Leiningen. Este, depois de casado, afastou-se por completo dos parentes e foi esquecido.

— Tanto meu pai como eu sempre vivemos felizes com nossa família, distantes da corte, e nunca nos prevalecemos do fato de

termos sangue real e sermos parentes da rainha Vitória — retrucou o príncipe Vladimir. — Para ser franco, eu, minha esposa e nossos filhos preferiríamos continuar esquecidos.

Subitamente, Linetta ficou de pé e foi até a janela que se abria para o jardim, agora mergulhado nas sombras, pois começava a anoitecer.

Por um momento ficou olhando para a fonte que jorrava e para as flores. Diante daquela beleza e daquela quietude, não pôde deixar de refletir que a paz da Samósia estava sendo ameaçada pelos russos.

Dependia dela, de apenas do seu "sim" para aquele principado continuar próspero, tranqüilo e feliz.

Erguendo os olhos para o céu, fez mentalmente uma breve oração, pedindo a Deus que a ajudasse a tomar a decisão certa.

"Ajude-me! Por favor, meu Deus, ajude-me a decidir o que devo fazer para que pessoas inocentes não sofram."

No mesmo instante uma idéia lhe ocorreu, como resposta imediata à sua prece. Afastando-se da janela, voltou para perto do pai. Sentou-se do seu lado, segurou a mão dele e disse calmamente:

— Desde criança, papai, o senhor ensinou-me a pensar mais no próximo do que em mim mesma. Estive refletindo e concluí que o destino de tantas pessoas está em minhas mãos. Portanto, devo ajudá-las.

— Eu sabia que essa iria ser a sua resposta, querida — observou o príncipe, comovido.

— Está querendo dizer que aceita casar-se com o príncipe Ivor? — inquiriu o barão, ansioso.

— Bem, isso vai depender das condições que lhes vou apresentar. Gostaria que me ouvissem — Linetta respondeu.

— Sim, sim, ouviremos de bom grado o que tem a nos dizer — tornou o conde, depressa.

Reinou no salão um silêncio expectante antes de Linetta expor:

— Como toda jovem, desejo encontrar um dia o homem dos meus sonhos — Linetta começou. — Eu o amarei e meu amor será correspondido. Quando nos casarmos seremos tão felizes como foram meus avós e como têm sido meus pais. Fui criada num ambiente onde reina o amor, vejo como papai e mamãe têm verdadeira adoração um pelo outro. Também conheço a linda e romântica história de meus avós, Frederick e Clare, que deixaram tudo porque se amavam e, juntos, encontraram a felicidade que buscavam. Portanto, espero que os senhores compreendam que não posso me casar com um desconhecido; um homem que eu talvez deteste assim que o conhecer. O que lhes peço é um pouco de tempo para me decidir.

— Suas preocupações são perfeitamente compreensíveis — o conde assentiu. — No entanto, não dispomos de tempo, lady Linetta. Os russos agem com extrema rapidez e a cada dia que passa sentem-se mais confiantes de que tomarão a Samósia.

— Tenho lido sobre a atuação dos russos e considero seu comportamento revoltante — Linetta opinou. — Ao mesmo tempo, devo pensar na minha vida e no meu futuro. Acho impossível dizer

"sim" ao pedido de casamento do príncipe Ivor, uma vez que não o conheço.

O conde fez um gesto de desamparo antes de perguntar:

— Nesse caso, o que faremos?

— E o que lhes vou dizer. — Linetta olhou para o pai e apertou-lhe a mão como se precisasse de seu apoio.

Percebendo o nervosismo da filha, o príncipe aconselhou-a:

— Acalme-se, minha querida. Você tem todo o direito de recusar o pedido de casamento, se isso representar um sacrifício grande demais, além de suas forças.

Voltando-se para o barão, Linetta indagou:

— O senhor tem esposa e filhos?

— Oh, sim! Sou casado e vivo muito feliz com minha esposa e nossas três crianças — respondeu o barão prontamente. — Nossa filha mais velha está com doze anos, a segunda tem dez e o caçula, um menino, completará oito mês que vem.

— Três crianças! Ótimo. — Linetta sorriu, satisfeita. torna as coisas bem mais fáceis. Concordo em ir para Samósia, mas como professora de música de seus filhos, senhor barão.

Tanto o conde como o barão olharam atônitos para a princesa.

— Uma professora de música!— o barão exclamou, perplexo.

— Aprendi piano e canto com minha avó e toco muito bem - Linetta assegurou. — Papai é testemunha do que estou dizendo. Em razão disso, proponho o seguinte: irei para Samósia com o senhor barão e ensinarei música a seus filhos. Uma vez naquele país, ficarei conhecendo o príncipe Ivor; se eu gostar dele, direi "sim" ao pedido de casamento. Caso não goste, voltarei para a Inglaterra.

Os visitantes continuaram a encarar Linetta, pasmados o príncipe foi o primeiro a falar, concordando com o que a filha acabara de dizer:

— A meu ver, Linetta está sendo muito sensata. Se ela julgar que a vida junto do príncipe Ivor será infeliz, terá todo o direito de recusar o pedido de casamento e voltará para a Inglaterra em segurança.

—Eu tinha certeza de que o senhor aprovaria a minha idéia, papai — disse Linetta.

—Só há um detalhe, minha querida, que você não mencionou: sua mãe e eu queremos acompanhá-la — observou o príncipe.

— Eu também faço questão da companhia de ambos, papai. Porém, meu plano é partir para a Samósia com o barão Unkar e permanecer na casa dele por uma semana, lecionando para as crianças. Durante esse tempo quero ter a oportunidade de ver príncipe Ivor e de falar com ele tantas vezes quanto possível. Passada a semana, o senhor deverá chegar à Samósia com mamãe, levando meu vestido de noiva. Então ficará sabendo o que decidi. Se eu aceitar casar-me com o príncipe Ivor, o senhor se apresentará como meu pai, Sua Alteza Real, príncipe de Leiningen e eu revelarei quem sou. Então marcaremos a data do casamento. Se, ao contrário, eu não gostar do príncipe Ivor, o senhor será apenas pai da professora de música e nós três voltaremos para casa.

— Só mesmo você para ter uma idéia tão brilhante! — exclamou o príncipe. — Eu não encontraria uma solução melhor do que essa. Orgulho-me de você, minha querida.

— Obrigada, papai. — Linetta voltou-se para o barão e o conde. — E os senhores? Também estão de acordo com o que acabei de expor?

— De pleno acordo — respondeu o barão. — Tenho certeza de que você amará o príncipe Ivor assim que o conhecer. Nosso soberano é um homem encantador, muito culto, conhece quase o mundo todo, estudou na França durante vários anos e formou-se numa universidade da Alemanha. Acredito que você será a nossa princesa, lady Linetta. O trono da Samósia é o lugar perfeito para uma jovem com a sua beleza e inteligência. Quanto a meus filhos, em particular, asseguro que irão gostar muito de suas aulas. Os três estão sendo educados apreciando a música e achando que ela faz parte de suas vidas.

— E tranqüilizador ouvir isso — disse Linetta suavemente.

— Também concordo com o seu plano, lady Linetta e, da mesma forma que o prezado barão, louvo sua beleza e inteligência. Ao mesmo tempo, faço votos para esposa e nossas três crianças — respondeu o barão prontamente. — Nossa filha mais velha está com doze anos, a segunda tem dez e o caçula, um menino, completará oito no mês que vem.

— Três crianças! Ótimo. — Linetta sorriu, satisfeita. — Isso torna as coisas bem mais fáceis. Concordo em ir para a Samósia, mas como professora de música de seus filhos, senhor barão.

Tanto o conde como o barão olharam atônitos para a jovem princesa.

— Uma professora de música! — o barão exclamou, perplexo.

— Aprendi piano e canto com minha avó e toco muito bem — Linetta assegurou. — Papai é testemunha do que estou dizendo. Em razão disso, proponho o seguinte: irei para a Samósia com o senhor barão e ensinarei música a seus filhos. Uma vez naquele país, ficarei conhecendo o príncipe Ivor; se eu gostar dele, direi "sim" ao pedido de casamento. Caso não goste, voltarei para a Inglaterra.

Os visitantes continuaram a encarar Linetta, pasmados. O príncipe foi o primeiro a falar, concordando com o que a filha acabara de dizer:

— A meu ver, Linetta está sendo muito sensata. Se ela julgar que a vida junto do príncipe Ivor será intolerável, terá todo o direito de recusar o pedido de casamento e voltará para a Inglaterra em segurança.

— Eu tinha certeza de que o senhor aprovaria a minha idéia, papai — disse Linetta.

— Só há um detalhe, minha querida, que você não mencionou: sua mãe e eu queremos acompanhá-la — observou o príncipe.

— Eu também faço questão da companhia de ambos, papai. Porém, meu plano é partir para a Samósia com o barão Unkar e permanecer na casa dele por uma semana, lecionando para as crianças. Durante esse tempo quero ter a oportunidade de ver príncipe Ivor e de falar com ele tantas vezes quanto possível. Passada a semana, o senhor deverá chegar à Samósia com mamãe,

levando meu vestido de noiva. Então ficará sabendo o que decidi. Se eu aceitar casar-me com o príncipe Ivor, o senhor se apresentará como meu pai, Sua Alteza Real, príncipe de Leiningen e eu revelarei quem sou. Então marcaremos a data do casamento. Se, ao contrário, eu não gostar do príncipe Ivor, o senhor será apenas pai da professora de música e nós três voltaremos para casa.

— Só mesmo você para ter uma idéia tão brilhante! — exclamou o príncipe. — Eu não encontraria uma solução melhor do que essa. Orgulho-me de você, minha querida.

— Obrigada, papai. — Linetta voltou-se para o barão e o conde. — E os senhores? Também estão de acordo com o que acabei de expor?

— De pleno acordo — respondeu o barão. — Tenho certeza de que você amará o príncipe Ivor assim que o conhecer. Nosso soberano é um homem encantador, muito culto, conhece quase o mundo todo, estudou na França durante vários anos e formou-se numa universidade da Alemanha. Acredito que você será a nossa princesa, lady Linetta. O trono da Samósia é o lugar perfeito para uma jovem com a sua beleza e inteligência. Quanto a meus filhos, em particular, asseguro que irão gostar muito de suas aulas. Os três estão sendo educados apreciando a música e achando que ela faz parte de suas vidas.

— E tranqüilizador ouvir isso — disse Linetta suavemente.

— Também concordo com o seu plano, lady Linetta e, da mesma forma que o prezado barão, louvo sua beleza e inteligência. Ao mesmo tempo, faço votos para que você ame o príncipe Ivor e case com ele, salvando assim o principado da Samósia — tornou o conde.

— Então está decidido, minha filha. Você partirá para a Samósia com o barão Unkar. Sua mãe e eu iremos na outra semana — disse o príncipe.

— Vocês têm vivido tão isolados. Será muito bom para os dois freqüentarem a corte e ocuparem o lugar ao qual têm direito como o príncipe e a princesa de Leiningen — apreciou Linetta.

O príncipe riu.

— Está dizendo uma verdade, minha filha. Embora eu esteja contente, vivendo no campo e usando, da mesma forma que meu pai usou, apenas o título de barão, reconheço que poderei ser útil na Samósia, caso você aceite o pedido do príncipe Ivor.

— Prezado Vladimir, você e sua filha são exatamente o que a Samósia deseja no momento. Com o pavilhão do Reino Unido hasteado do lado da bandeira da Samósia, os russos deixarão o país e voltarão para os principados vizinhos que já conquistaram — apontou o barão.

Em seguida ele segurou a mão de Linetta e beijou-a, no estilo francês.

— Ao que parece, os senhores já me consideram a princesa da Samósia! — Linetta exclamou, sorridente. — Mas não se esqueçam de que eu posso não gostar do príncipe. Há também, claro, a chance de ele não gostar de mim. De uma ou de outra forma, quero

voltar para a Inglaterra sem a menor dificuldade e sem estardalhaço.

— No que depender de mim, será exatamente como você desejar — prometeu o barão. — Acredito que o conde de Granville, ocupando o cargo de ministro das relações exteriores, também se empenhará para que tudo seja de acordo com a sua vontade lady Linetta.

— Naturalmente — asseverou o conde. — Não creio que haverá dificuldade alguma em cumprir o que lady Linetta nos pediu.

— Vejo, senhores, que está tudo acertado. Se me dão licença, vou deixá-los apreciando seu champanhe e irei ao encontro de mamãe para contar-lhe as novidades — disse Linetta.

— Está bem, querida. Dentro de alguns minutos me reunirei a vocês — o príncipe avisou e beijou a filha que deixou o salão.

— Lady Linetta é brilhante — elogiou o conde,. — Não nega que é sua filha e neta do grande príncipe Frederick. Na universidade de Oxford ele deixava a classe perplexa ao expor aos colegas o que os professores tinham dificuldade de explicar.

O príncipe encheu-se de orgulho.

— É verdade. Quando estive em Oxford os professores que conheceram papai comentavam que ele era um gênio. Mas eu não tenho a sua inteligente brilhante.

— Ora, está sendo modesto. — Em outro tom o conde acrescentou: — Bem, agora posso revelar que vim para cá muito nervoso, caro Vladimir. Imaginei que sua filha fosse imatura como as outras jovens da mesma idade. Receei que ela fizesse uma cena ao saber que iria deixar sua casa, seu país para se casar com um desconhecido, mesmo sendo um príncipe.

— Lady Linetta amará o príncipe Ivor — repetiu o barão, confiante. — Ela também gostará da Samósia. O principado é lindo, nosso povo é alegre, bem-humorado e gosta de música.

— Assim espero — murmurou o príncipe. — Mas vamos terminar nosso champanhe. Em seguida meu mordomo os acompanhará aos seus aposentos. Estarei à espera de ambos neste salão pouco antes do jantar que será servido às oito.

Indo até a mesinha onde estava a garrafa de champanhe no gelo, o príncipe serviu os visitantes.

Os cavalheiros brindaram ao futuro de Samósia; pouco depois, deixaram o salão. O conde e o barão subiram, acompanhados pelo mordomo e o príncipe seguiu pelo corredor, indo ao encontro da esposa.

Chegando à sala de estar, Linetta surpreendeu-se ao não ver ninguém ali. Certa de que a mãe iria chegar a qualquer instante, foi até a janela e olhou para o céu.

Desta vez sua prece foi de agradecimento por ter recebido inspiração divina ao impor suas condições ao barão e ao conde.

O fato de não ter havido oposição nenhuma ao que ela propusera, fez com que se sentisse protegida e amparada. Era como se Deus tivesse enviado seus anjos e arcanjos para guiá-la.

Entretanto, algumas questões ainda a estava deixando apreensiva. Eram elas:

Como seria o príncipe Ivor?

Encontraria ela o amor que vinha buscando?

O som da porta se abrindo fez com que se voltasse e viu a mãe entrando na sala.

O príncipe Vladimir encontrou, como esperava, a esposa e a filha na pequena e aconchegante sala de estar, onde a família se reunia.

Crystal, princesa de Leiningen, como devia ser chamada por direito, ficou de pé ao ver o marido.

— Linetta esteve me contando sobre nossos hóspedes e o propósito de sua visita — falou, ansiosa. — Oh, querido, teremos de perder nossa filha?

— E melhor nós pensarmos que iremos ganhar um genro, caso Linetta aceite casar-se com o príncipe da Samósia. Também poderemos passear ou mesmo morar num país que ainda não conhecemos — contrapôs o príncipe, passando os braços ao redor da cintura da esposa. — Não se preocupe, querida, vejo o que aconteceu como a mão do destino. Se, como pressinto, nossa filha desposar o príncipe, tanto ela como nós teremos no mundo social a posição que merecemos e da qual nos privamos até agora.

A princesa fitou o marido com ternura. Ele achou-a mais maravilhosa do que quando se casaram.

Crystal sempre fora linda, porém, com o passar dos anos, perdera aquela beleza ilusória e efêmera da mocidade para ganhar uma beleza que vinha de seu interior e transparecia no brilho de seus olhos, no sorriso cativante, e na suavidade de seus gestos e sua voz.

— O que você e Linetta decidiram tem o minha aprovação, querido — concordou a princesa. — Somos ingleses e devemos ajudar aqueles que estão sendo ameaçados por quem quer que seja. E nós sabemos que os russos são cruéis com os habitantes dos países por eles dominados.

— E essa, exatamente, a opinião da rainha Vitória — o marido observou. — Alegra-me saber que, da mesma forma que eu, você compreendeu a situação. Portanto, não vamos nos entristecer porque nossa filha irá partir. Devemos também nos acostumar com a idéia de que ela irá morar em outra parte do mundo.

— Atualmente tornou-se bem mais rápido e confortável viajar de navio ou de trem — apontou a princesa. — Se nossa filha casar-se, poderemos visitá-la na Samósia sempre que ela precisar de nós. E Linetta, por sua vez, terá facilidade de vir à Inglaterra com freqüência.

O príncipe beijou o rosto da esposa.

— Você está certa. E, como eu disse, há a possibilidade de morarmos ou de passarmos a maior parte do tempo naquele principado. Nossos filhos continuarão em Eton e nas férias irão para a Samósia. Depois cursarão a universidade de Oxford.

Esquecendo-se da presença de Linetta, o príncipe acrescentou:

— Tudo o que estamos considerando, claro, vai depender de nossa filha aceitar o pedido de casamento do príncipe Ivor, o que, posso afirmar, irá acontecer. O barão, que é ministro das relações

exteriores da Samósia, descreveu Sua Alteza Real como um homem belo, inteligente, culto e com nobres ideais. Sua Senhoria também ficou encantado com nossa filha e elogiou-a entusiasticamente.

O riso de Linetta fez com que os pais se voltassem para ela.

— Oh, papai, estou muito contente em saber que alguém me elogiou. Naturalmente, o barão e o conde de Granville estão ansiosos para que o príncipe Ivor também fique maravilhado comigo e eu com ele.

— E o que nós também desejamos — ressaltou o pai. — Sua mãe e eu estamos muito felizes por você ter tido a idéia de lecionar para os filhos do barão e assim poder conhecer o príncipe.

— Espero saber ensinar tão bem as crianças como vovó me ensinou. O que menos desejo é não conseguir despertar nelas o interesse pela música e assim desapontar seus pais.

— Você é uma exímia pianista e compositora talentosa, como mamãe — o pai enfatizou. — Fique certa de que lá na Samósia terá mais público para aplaudi-la do que aqui.

— Meu único receio é que Linetta não esteja em segurança nos Bálcãs — assinalou a princesa. — Chegam até nós notícias de que na península tem havido tumultos e rebeliões fomentados pelos russos. Sei também que eles têm conquistado muitos principados por meios condenáveis.

— Não se assuste, querida. Se, como suponho, Linetta casar-se com o príncipe Ivor, terá o direito de desfraldar a bandeira do Reino Unido — lembrou o príncipe. — Asseguro-lhe que os russos nada farão contra a Samósia porque têm medo da Inglaterra. Além de ser este o único país que eles temem e respeitam, o czar não tem recursos para lutar conosco.

Ò príncipe fez uma pequena pausa, após a qual, acrescentou com um sorriso.

— Eu não ficaria surpreso se, depois que Linetta se casar com o príncipe da Samósia, ambos forem convidados a ir a São Petersburgo para visitar o czar.

— Eu adoraria conhecer São Petersburgo e Alexander III — Linetta falou com entusiasmo. — Entretanto, se eu me casar com o príncipe Ivor, provavelmente serei considerada *persona non grata* porque impedi a Rússia de conquistar a Samósia. Portanto, se eu for ao palácio, talvez me envenenem.

— Nenhum russo se atreveria a ofender, muito menos a matar uma parente da rainha Vitória — ponderou o príncipe. — Sua Majestade já está irritada demais com a Rússia. De fato, poucos dias atrás, li que na ocasião em que a rainha enviou os vasos de guerra para os Dardanelos, impedindo assim os russos de conquistarem Constantinopla, quando suas tropas já se encontravam a apenas seis milhas daquela cidade. O ministro do czar lamentou profundamente a intervenção da Grã-Bretanha e declarou que a tentativa frustrada custara à Rússia cem milhões de libras e cem mil de seus melhores soldados.

— Sendo a bandeira britânica tão importante, posso até mandar fazer um traje de gala só com o tecido de algumas de nossas bandeiras — brincou Linetta.

— Por falar em vestido, temos de pensar no seu enxoval, minha filha — lembrou Crystal. — Como iremos conseguir trajes para uma princesa, se contamos com tão pouco tempo e não há lojas finas aqui por perto?

— Já pensei nisso e decidi pedir emprestado o Neptune, o iate de meu amigo que mora em Plymouth. Combinei com o barão que iríamos partir dentro de uma semana para nos encontrarmos com Linetta, mas estou pensando em antecipar a viagem. Poderemos deixar a Inglaterra daqui a três ou quatro dias. Faremos uma parada na França para comprar um enxoval digno de uma princesa real. Em Marselha, por exemplo, encontraremos artigos finíssimos que irão realçar ainda mais a beleza de nossa filha e ela se apresentará com toda elegância e classe quando se tornar a esposa do príncipe da Samósia — expôs o príncipe.

— O senhor e mamãe estão indo muito depressa! — Linetta protestou. — Em primeiro lugar, preciso conhecer o príncipe Ivor para saber se o desposarei. Se vocês comprarem um enxoval caro e luxuoso e eu desistir do casamento, o dinheiro gasto terá sido jogado fora. Para que preciso de roupas luxuosas aqui no campo? Para ser admirada pelos cavalos, cães e porcos?

— Bem, se eles pudessem falar, a elogiariam, sem dúvida — mencionou o príncipe, rindo. — Mas se quer saber a minha opinião, querida, acredito que você se sentará no trono da Samósia. Sua mãe e eu sentiremos orgulho de nossa filha. Você conquistará, não só o coração do príncipe, mas também do povo e tornará aquele principado um modelo que provocará a inveja de todos os outros principados dos Bálcãs.

— Oh, papai, o senhor não está pedindo demais a sua filha? Mesmo que eu me case com o príncipe Ivor, duvido que eu seja capaz de fazer o que o senhor está dizendo. Só posso prometer esforçar-me para tornar a Samósia um principado progressista e pacífico. E ser filha de vocês, já é, estou segura disso, um bom começo.

— Sua mãe e eu confiamos em você e estamos certos do seu sucesso — disse o príncipe. — Agora devemos pensar em nossos hóspedes. Avisei-os de que o jantar será servido às oito.

Linetta deu um pequeno grito.

— Oh, acaba de me ocorrer que devo ter um novo nome. Não posso apresentar-me como lady Linetta e muito menos como princesa enquanto estiver representando o papel de professora de música. O que vocês sugerem?

— Já pensei nisso e escolhi um nome simples e fácil de ser lembrado. Você será a Srta. Lane — decidiu o príncipe, recebendo a aprovação da esposa e da filha.

— Quando o conde e o barão pretendem partir? — Crystal quis saber em seguida.

— Amanhã. O navio da Samósia, no qual o barão viajou para a Inglaterra, deverá ancorar pela manhã no porto de Plymouth. Linetta irá com o barão. Quanto ao conde de Granville, voltará a Londres, de trem, com seu valete.

— Meu querido, por que tudo tem que ser feito nesta correria? — a princesa queixou-se. — Mal teremos tempo de arrumar a bagagem de nossa filha.

— Você sabe qual é a resposta à sua pergunta, amor. O futuro da Samósia está em nossas mãos. Quanto antes Linetta chegar ao principado, melhor — apontou o marido.

— Você está certo, como sempre — assentiu Crystal. — O tempo é curto, mas conseguiremos preparar tudo para a viagem. Linetta levará consigo apenas o necessário. Afinal, iremos ao seu encontro dentro de poucos dias, e compraremos na França, como você disse, um enxoval digno de uma princesa real. Uma princesa que estará representando a Inglaterra e deverá apresentar-se muito bem vestida.

Nessa noite, já bem tarde, depois de os hóspedes e

Linetta terem ido para os seus aposentos, o príncipe lembrou-se de algo muito importante.

Foi à sala de armas onde guardava verdadeiras preciosidades, pegou um estojo e subiu para o quarto da filha.

Encontrou-a escovando os cabelos, diante do espelho.

— Vim trazer-lhe isto, querida. — Ele colocou o estojo sobre a penteadeira. — Faço votos de que não precise usá-las, mas é sempre melhor estarmos prevenidos.

— O que há nessa caixa? — Linetta quis saber, ardendo de curiosidade.

Abrindo o estojo de madeira forrado de veludo, o príncipe mostrou à filha duas pequenas pistolas russas com cabo incrustado de pedras preciosas e com rico trabalho em esmalte, uma criação de Peter Carl Fabergé.

Linetta sabia que as duas armas haviam pertencido à avó. A princesa Clare as ganhara de presente do marido quando ambos visitaram São Petersburgo.

— Lembrei-me destas duas pistolas e achei que seria conveniente você levá-las consigo, por precaução, minha querida. Cuide bem delas — recomendou o pai.

— São armas lindas, papai, verdadeiras jóias — Linetta observou. — E pena que sejam mortais.

— Sua avó tinha orgulho delas e, embora as levasse consigo nas viagens, nunca chegou a dispará-las contra alguém. Só usou-as para treinar tiro ao alvo — expôs o príncipe. — Quero que fique com estas pistolas, minha filha, porque talvez precise defender-se. Veja que são armas pequenas e cabem num bolso. Tenha-as em seu poder o tempo todo, pois o perigo surge quando menos se espera.

— Oh, papai, falando assim o senhor me assusta — a filha queixou-se.

— Convém estarmos prevenidos, como eu já disse.

Tenho lido sobre o que está acontecendo no Bálcãs; os russos estão cada vez mais violentos — apontou o príncipe. — Ah, não se esqueça de manter as pistolas sempre carregadas.

— Não me esquecerei. Toda vez que eu sair de casa levarei as armas escondidas nos bolsos ou na bolsa — Linetta prometeu. — O senhor deve estar lembrado de que sei atirar com a mão direita e a esquerda.

— E claro que me lembro disso. Fui eu quem a ensinou a atirar, da mesma forma que ensinei seus irmãos. Agora guarde as armas na bolsa, sem o estojo, para não ocupar muito lugar — aconselhou o pai. — Boa noite, sonhe com os anjos.

Deixando a filha, o príncipe foi para os seus aposentos, mas não encontrou à esposa. Poucos minutos depois ela entrou no quarto.

— A bagagem de Linetta está arrumada — disse.

— Procurei em todos os guarda-roupas e consegui encontrar para a nossa filha alguns vestidos mais simples que julguei adequados para uma professora.

— Você é maravilhosa, querida. Eu tinha certeza de que cuidaria de tudo com facilidade. — Vladimir beijou a esposa.

— Não foi tão fácil assim — corrigiu Crystal com um sorriso.

O príncipe abraçou-a.

— A cada dia que passa eu a amo mais. Espero que nossa filha encontre o verdadeiro amor e seja tão feliz com seu marido como nós somos e como foram meus pais.

— E o que eu também desejo, querido. Ao mesmo tempo, estou a todo instante fazendo mentalmente a mesma pergunta: Como Linetta poderá ser feliz com um desconhecido? Um homem sobre quem nada sabe?

— questionou Crystal.

— Posso estar errado, mas algo me diz que nossa filha, da mesma forma que nós, se apaixonará pelo príncipe assim que o vir.

— Peço a Deus que isso aconteça — Crystal murmurou docemente. — Estar com você tem sido um paraíso.

Ambos se beijaram apaixonadamente.

Não havia necessidade de palavras.

CAPÍTULO IV

Na manhã seguinte, logo cedo, a luxuosa carruagem do príncipe, puxada por quatro magníficos cavalos, estava à porta da frente da mansão Leiningen.

A princesa Crystal não quis ir a Plymouth para ver a filha partir. Beijou-a afetuosamente, deu-lhe a bênção e falou com a voz embargada pela emoção:

— Prefiro despedir-me de você aqui em casa. Receio não resistir às lágrimas e será constrangedor chorar em público. Deus a acompanhe, filha querida.

Compreendendo perfeitamente o que a mãe estava sentindo, Linetta abraçou-a e pediu-lhe:

— Prometa-me que irá com papai para a Samósia. Se tudo der certo, quero que vocês partilhem da minha alegria. Caso ocorra o contrário, precisarei muito do apoio de ambos.

— E claro que acompanharei seu pai, querida. Fique tranqüila e confie em Deus. Estaremos rezando para tudo correr bem — volveu a mãe. — Seu pai e eu chegaremos à Samósia com um enxoval completo e seu vestido de noiva. Compraremos o que houver de mais lindo e elegante na França.

Linetta não conseguiu responder por estar com a garganta apertada, prestes a chorar. Conseguiu controlar-se, beijou a mãe mais uma vez e foi para a carruagem onde o pai a esperava com o conde de Granville e o barão Unkar.

O valete do conde já havia ido para a estação com a bagagem de Sua Senhoria, a fim de reservar um vagão no primeiro trem com destino a Londres.

A caminho de Plymouth, o príncipe perguntou a si mesmo, como já havia feito tantas vezes, se estaria agindo corretamente deixando a filha partir sozinha.

Reconheceu, ao mesmo tempo, que as suas apreensões eram infundadas.

Durante a viagem Linetta estaria perfeitamente segura na companhia do barão e, chegando à Samósia, teria também a assistência da baronesa.

Graças aos excelentes cavalos e à carruagem projetada para desenvolver grande velocidade, os quatro chegaram ao porto de Plymouth em tempo recorde. O navio da Samósia havia ancorado poucas horas antes.

O capitão recebeu-os com entusiasmo e desceu com eles para mostrar-lhes as respectivas cabines.

De volta ao convés superior, o conde de Granville despediu-se do barão e depois de Linetta.

— Se fosse possível eu os acompanharia à Samósia, porém devo regressar a Londres no primeiro trem. Sua Majestade e eu estaremos esperando ansiosos a notícia de seu casamento com Sua Alteza Real. Boa viagem.

— Obrigada. — Linetta dirigiu-lhes um sorriso e voltou-se para o pai.

— Eu gostaria muito que me acompanhasse, papai. Só viajarei tranqüila porque sei que o senhor e mamãe em breve estarão comigo.

— Pensei muito esta noite e decidi que sua mãe e eu partiremos depois de amanhã — informou o príncipe.

— Oh, papai, que bom! — Linetta alegrou-se. — O senhor e mamãe irão mesmo de iate?

— É o que estou pensando fazer. Antes de voltar para casa irei falar com meu amigo, dono do Neptune. Chegando à Samósia ficaremos ancorados numa baía bem próxima da capital. Mandarei uma mensagem ao barão avisando onde estamos e ele levará você ao iate. Então, sua mãe e eu saberemos o que você decidiu. Se estiver disposta a aceitar o príncipe Ivor como marido, eu me apresentarei a Sua Alteza Real como o príncipe de Leiningen, parente de Sua Majestade, a rainha Vitória, e seu pai, minha querida.

Emocionada, Linetta encostou o rosto no ombro do pai.

— Nunca nos separamos, papai, a não ser no tempo de internato, estou sofrendo muito por ter de deixá-los. Porém, compreendo que devo fazer o que esperam de mim.

— Sim, filha querida, você está fazendo o que é certo e o que se espera de uma jovem com sangue real nas veias.

Havia lágrimas nos olhos de Linetta quando viu o pai descendo a escada de costado.

O navio começou a mover-se. Do convés, ela ficou acenando para o pai até que a distância não lhe permitiu mais vê-lo.

Logo que eles alcançaram o alto-mar um dos comissários de bordo veio avisá-la que o barão a esperava para tomar o café da manhã.

Enquanto tomavam o café, Linetta pediu ao barão para falar-lhe sobre a Samósia.

Com prazer ele discorreu sobre o solo fértil do principado, as principais culturas, as riquezas minerais, destacando-se a produção de carvão, hulha, ferro e bauxita. Mencionou que o povo era alegre, saudável e ressaltou que não havia analfabetos na Samósia.

Tendo ouvido a exposição com muito interesse, Linetta opinou com entusiasmo:

— Só posso concluir que o principado é encantador!

— E o que todos nós achamos, lady Linetta. Será insuportável vê-lo em poder dos russos — o barão falou com pesar.

Após o almoço, Linetta sentou-se com o barão no convés e observou:

— Estou muito interessada em aprender o idioma falado na Samósia. Não me sentirei bem se não puder entender o povo ou não conseguir conversar com o príncipe na sua língua materna. Se não for um aborrecimento para o senhor, eu gostaria de começar a exercitar-me a partir de agora.

O barão encarou-a, surpreso e muito contente.

— Será um prazer ensiná-la, lady Linetta. Meu único receio é que o tempo seja curto demais para que faça grandes progressos.

— Aprendo línguas com facilidade. Estive interna em um colégio na França e falo francês muito bem. Estudei alemão que falo fluentemente, embora não aprecie esse idioma. Desde pequena me interesso pela mitologia e cultura gregas, de modo que aprendi grego para ser capaz de ler autores gregos no original. Há dois anos estive na Grécia com meus pais, onde passemos alguns meses.

— Está dizendo que sabe falar grego e alemão? — o barão indagou, admirado.

— Sim, falo ambas as línguas fluentemente.

— Sendo assim, você aprenderá o idioma falado na Samósia com a maior facilidade, pois é uma mistura de grego e austríaco.

— Bem, toda língua tem as suas particularidades. Se o senhor estiver disposto, podemos começar a praticar imediatamente — propôs Linetta.

— A cada instante que passa, mais a admiro, lady Linetta. Você é a jovem mais sensata que já conheci — observou o barão falando no seu idioma. — Espero ser um bom professor. Receio, entretanto, que o meu talento para ensinar não chegue aos pés do seu talento como pianista.

— Obrigada pelo elogio. Mas devo dizer que não tenho nenhum outro talento além de tocar piano.

— Está sendo muito modesta, lady Linetta — contradisse o barão. — Quanto às nossas aulas, sem dúvida serão mais proveitosas se, além de conversarmos, você ler alguns livros no idioma falado no meu país.

— E uma ótima idéia — Linetta aprovou. — Prometo fazer uma lista das palavras que eu não entender e posteriormente o senhor as explicará.

— Nesse caso, acompanhe-me, lady Linetta. Há uma pequena biblioteca neste navio e encontraremos algo interessante para você ler.

Tarde da noite Linetta fechou o livro que estivera lendo e colocou-o na gaveta da escrivaninha com o caderno no qual anotara as palavras e expressões idiomáticas desconhecidas, as quais iriam ser explicadas pelo barão.

Deitou-se e durante algum tempo refletiu sobre aquele primeiro dia de viagem. Para sua própria surpresa constatou que estava contente e sentia-se otimista em relação ao futuro.

O barão, por sua vez, estava muitíssimo bem impressionado com Linetta. Nunca havia conhecido uma jovem tão inteligente, simpática e tão linda quanto ela.

Não pôde deixar de refletir que o príncipe Ivor seria cego, surdo e mudo se não se apaixonasse pela princesa assim que a conhecesse.

Apesar de ser um homem muito discreto e de não estar habituado a fazer perguntas inconvenientes e muito menos a intrometer-se na vida do príncipe ou do palácio, o barão tinha conhecimento de que Sua Alteza Real se envolvera com belas mulheres no passado.

No entanto, seus romances sempre duraram muito pouco e o príncipe havia sido extremamente cauteloso para evitar toda sorte de comentários.

Nos dias que se seguiram, por insistência de Linetta, o idioma falado no navio foi somente o da Samósia. O progresso da aluna deixou o barão atônito e, naturalmente, muito feliz.

Ele se convencia cada vez mais de que Linetta era a princesa perfeita para sentar-se no trono, do lado do príncipe Ivor.

Quando eles alcançaram o mar Egeu, Linetta desejou poder visitar as ilhas gregas, especialmente aquelas ligadas à história dos deuses e deusas sobre os quais ela havia lido.

Fez um grande esforço para não pedir ao capitão que fizesse uma parada, pelo menos em Delos.

— E uma tortura passar pelas ilhas gregas e não visitar o lugar onde Apoio nasceu — Linetta queixou-se ao barão. — Em Delos ainda há esculturas nas ruínas do templo construído em louvor a Apoio.

— O príncipe Ivor terá prazer em mostrar-lhe a ilha de Delos — asseverou o barão.

Surpresa, Linetta perguntou de modo incisivo:

— Está querendo dizer que o príncipe tem real interesse pela mitologia grega? Ou será que o senhor quer apenas me agradar ao

ver que fiquei tão empolgada quando nos avizinhamos das ilhas gregas?

— Por que eu iria mentir-lhe? Sua Alteza Real admira a cultura e a mitologia gregas — enfatizou o barão, muito sério. — Sou muito cuidadoso em dizer sempre a verdade. Já percebi que você tem a mesma mente aguda de seu pai e percebe com facilidade se alguém não está sendo sincero ou quer apenas lisonjeá-la.

— É muito bom que seja assim. Prefiro ouvir sempre a verdade, ainda que me faça sofrer.

Novamente o barão considerou que se o príncipe Ivor se casasse com Linetta, a Samósia teria no trono uma princesa linda, inteligente, sincera, honesta, sensível e sensata.

"Se o príncipe não ficar perdidamente apaixonado por essa jovem encantadora, serei capaz de renunciar ao meu cargo, deixando assim algum outro mais inteligente do que eu com a incumbência de arranjar para Sua Alteza Real outra esposa", o barão concluiu suas reflexões.

Entretanto, havia em sua mente uma certeza de que o príncipe Ivor iria achar Linetta irresistível. Sua única dúvida era se Linetta iria sentir o mesmo por Sua Alteza Real.

Navegando a grande velocidade, o navio passou as ilhas gregas. Na manhã seguinte eles deviam ancorar no porto da Samósia.

Era grande a expectativa, tanto do barão como de Linetta. Ele podia avaliar quanto era difícil para uma jovem tomar uma decisão tão importante.

O fato de Linetta saber falar a língua do país já a ajudava muito. Ela seria capaz de conversar com pessoas de todos os níveis, mas isso não era o bastante.

Quando o navio ancorou uma pequena comitiva estava esperando para receber o ministro das relações exteriores. Ele não havia mencionado que viria acompanhado de uma jovem inglesa.

Consciente de que a "cortina se abria e a peça ia começar", Linetta vestiu-se com roupas simples, pôs na cabeça um chapéu sem enfeites e ao desembarcar manteve-se sempre mais atrás do barão, como convinha a uma professora dos filhos de Sua Senhoria.

O barão cumprimentou os amigos e colegas que vieram recebê-lo e não deixou de notar que todos olhavam com curiosidade para a linda moça que se achava de pé, perto da bagagem.

— Devo dizer-lhes que eu trouxe comigo uma excelente preceptora inglesa para dar aulas a meus filhos. Ela lhes ensinará música e inglês — o barão esclareceu. — Achei que já era mais do que tempo de falarmos o idioma de Sua Majestade. Vamos rezar para que a rainha Vitória nos ajude.

— O que está querendo dizer, Unkar? — perguntou o primeiro-ministro em voz baixa. — Sua Majestade ainda não se decidiu a nos ajudar?

— Mais tarde falaremos sobre o assunto — replicou o barão. — No momento tudo o que eu quero é ir para casa, ver minha família e assegurar-me de que está bem, tranqüila e em segurança.

— E o que todos nós desejamos — murmurou o ministro da guerra. — Os russos avançam cada vez mais. Podemos dizer que estão quase às nossas portas.

— Vamos para a carruagem. Quero saber de tudo o que aconteceu nestes dias em que me ausentei — exigiu o barão.

Antes de ir para a carruagem que o esperava, ele virou-se e fez a Linetta sinal para que o seguisse. Dois coches oficiais estavam estacionados a pouca distância deles.

O primeiro-ministro, o ministro da guerra, o barão e seu secretário sentaram-se na primeira carruagem. Na segunda foram os outros cavalheiros integrantes da comitiva, a bagagem e Linetta.

Quando os dois coches partiram, o barão pediu ao ministro da guerra:

— Pode contar-me o que aconteceu. Estou preparado para ouvir o pior.

— Certamente é o pior, caro Unkar. E bom saber que você está preparado — tornou o ministro da guerra.

— Os russos avançaram muito? — indagou o barão, apreensivo.

— Os regimentos russos não só estão bem perto de nós, como a infiltração de seus agentes aumentou, gerando mais distúrbios.

— O que você e Sua Alteza Real tem feito para rechaçar o inimigo?

— O que nos tem sido possível fazer? Temos reforçado nossas defesas e aumentamos o número dos soldados em guarda, principalmente à noite. Você sabe que os russos agem sub-repticiamente, usam disfarces. Como lutar com um inimigo assim? — replicou o ministro, nada à vontade.

Fez-se um instante de silêncio, após o qual o secretário do barão manifestou-se:

— Nossa esperança é que você tenha boas notícias. Estamos ansiosos para saber se a sua visita à Inglaterra foi proveitosa.

— Nada tenho de concreto — o barão evadiu-se. — De maus a mais, devo conversar em primeiro lugar com o príncipe Ivor.

O ministro da guerra e o primeiro-ministro riram. O primeiro observou:

— Já sabíamos que a sua resposta seria essa. Cheguei a apostar que você não nos adiantaria nada antes de sua audiência com Sua Alteza Real.

O barão também riu.

— E esse o procedimento, amigos. Vocês sabem que é meu dever manter os pés bem firmes no chão e não alimentar falsas esperanças a quem quer que seja.

Foi a vez de o primeiro-ministro falar sobre os últimos acontecimentos do principado. Terminou sua exposição dizendo que Sua Alteza Real havia comprado vários puros-sangues.

— Eu ficaria mais feliz se o dinheiro tivesse sido empregado na compra de canhões de maior alcance e em mais armamentos — queixou-se o ministro da guerra. — Contudo, entendo Sua Alteza Real. Ele estava certo de que você lhe traria boas notícias da Inglaterra, caro Unkar. Assim, não resistiu ao saber que excelentes

cavalos iriam a leilão porque o dono morreu, e comprou todo o lote. De fato, são animais extraordinários.

— Nesse caso, mais dinheiro será empregado na construção de novas cocheiras — deduziu o barão com um sorriso no canto dos lábios.

No outro coche, Linetta olhou pela janela durante todo o trajeto do porto até a casa do barão, interessada em conhecer o principado.

Apreciou os pomares, os olivais, os trigais e outros campos cultivados. Admirou-se ao notar que nenhum terreno era desperdiçado. Também achou a Samósia muito bonita.

A distância do porto até a Capital era de apenas cinco milhas e eles não tardaram a entrar na cidade.

Ao observar as ruas e praças bem-cuidadas, as árvores floridas, Linetta teve a melhor impressão possível do principado.

O majestoso palácio ficava no alto de uma colina, fora do centro da cidade. Era cercado de jardins e tinha nos fundos um bosque.

Os dois coches subiram a colina, passaram pela frente do palácio onde havia várias sentinelas, transpuseram um grande portão de ferro trabalhado, com ponteiras douradas, seguiram por um caminho ladeado de tílias e pararam diante de uma casa imponente, cujo estilo arquitetônico era o mesmo do palácio.

— Deixamos as nossas carruagens no seu pátio e fomos para o porto nas carruagens oficiais — avisou o ministro da guerra. — Não queremos aborrecê-lo agora porque sabemos que deseja estar a sós com a família. Poderemos voltar dentro de uma hora ou duas, para conversarmos?

— Depende do tempo que eu me demorar no palácio

— respondeu o barão. — Pretendo falar com Sua Alteza Real ainda esta tarde.

O primeiro-ministro e o ministro da guerra se entreolharam.

— E uma pena, mas o príncipe já partiu para o Sul

— informou o primeiro-ministro. — Ele ia ver alguns amigos que poderão ajudar-nos a combater os russos. Estes se tornam mais ameaçadores a cada dia que passa.

— Espero que Sua Alteza Real volte logo da viagem —tornou o barão. — Lamento, amigos, mas só poderei falar com vocês depois de minha conversa com o príncipe.

— Claro, Unkar. Você está certo — concordou o ministro da guerra. — Mas, compreenda a nossa ansiedade. Aguardamos uma mensagem sua.

— Eu os avisarei, naturalmente — prometeu o barão. Todos desceram dos coches. O barão esperou por

Linetta e entrou com ela na casa, enquanto os cavalheiros deram a volta e foram para o pátio onde estavam as suas carruagens.

Muito bem impressionada com a suntuosa mansão, Linetta observou ao entrar numa sala aconchegante e decorada com muito gosto:

— O senhor teve sorte de conseguir uma casa como esta, tão perto do palácio, além de ser enorme e suntuosa.

— Nesta mansão residia a mãe do príncipe Ivor. Quando a princesa faleceu, Sua Alteza Real ofereceu- me a casa. Realmente, considero um privilégio morar do lado do palácio e o príncipe, por sua vez, sente-se mais protegido.

Passou pela mente de Linetta que devia ser assustador ter os russos tão perto, representando uma ameaça para o principado e o próprio soberano.

Antes que ela fizesse algum comentário, uma exclamação de alegria chegou até eles.

Apareceu na sala uma mulher muito bonita, aparentando trinta e poucos anos, acompanhada de três crianças. As meninas tinham cabelos longos e ondulados que lhes chegava quase à cintura e o garoto era alto para a idade, forte e muito parecido com o pai.

— Oh, que bom, querido! Você está de volta! — A baronesa passou os braços pelo pescoço do marido. — Fico sempre tão preocupada e saudosa quando você viaja.

O barão beijou a esposa. Curvando-se, beijou também os filhos.

— Nada me alegra mais do que estar em casa com vocês.

Voltando-se para Linetta, o barão apresentou-a e explicou que ela queria muito conhecer a Samósia e ele decidiu oferecer-lhe o emprego de professora de música.

— A Srta. Lane é uma grande pianista. Uma das melhores e mais talentosas da Inglaterra — o barão acrescentou. — Nossos filhos terão uma excelente professora de música, querida Michele.

Os elogios deixaram Linetta um tanto encabulada. Ao mesmo tempo, notou que a baronesa mostrou-se cética. Era como se estivesse pensando que uma pessoa tão jovem não poderia ter tanto talento e o marido havia exagerado.

Porém, mostrou-se muito amável e, calorosamente, deu as boas-vindas à visitante.

A reação das crianças foi a melhor possível. Karina, uma das filhas do casal, falou com entusiasmo:

— Adoro música, Srta. Lane. Estou estudando piano com nossa governanta, mas ela não é uma pianista brilhante como a você. Papai já prometeu deixar-me estudar música em Paris quando eu for mais velha.

— Depois que você ouvir a Srta. Lane tocar, ficará convencida de que não haverá necessidade de estudar na França — assegurou o barão.

— Eu também quero estudar com a Srta. Lane! — exclamou Alessandra, a outra garota.

— Estou aprendendo a tocar violino, Srta. Lane. Posso acompanhar as minhas irmãs — foi a vez de George, o garoto, dizer.

Apesar de estar sendo chamada de "Srta. Lane" desde que embarcara, Linetta teve vontade de rir ao ouvir esse nome repetido tantas vezes, em tão pouco tempo e com tanto entusiasmo.

Certa de que as crianças esperavam que ela dissesse alguma coisa, falou com sincera alegria:

— Parabéns! Estou muito feliz em saber que vocês gostam de música. Passaremos horas agradáveis juntos.

As criança sorriram, envaidecidas e quiseram mostrar à professora o salão de música e a sala de aula. Linetta acompanhou-os muito satisfeita ao notar o interesse dos três.

O salão era bem mais equipado do que ela imaginara. Havia ali um piano de cauda, uma harpa, um violino e uma flauta.

Quanto à sala de aula, era ampla, agradável, tinha janelas altas e uma porta de vidro que se abria para o jardim.

Quando eles voltaram para junto do barão e da baronesa, esta ofereceu-se para acompanhar Linetta aos aposentos que passaria a ocupar.

Entrando no quarto, Linetta admirou-se ao ver que era grande, decorado com elegância e muito confortável. Teve certeza de que o barão, sabendo da sua verdadeira identidade, pedira à esposa para oferecer à professora um dos aposentos de hóspedes.

— Espero que meu marido lhe tenha dito que esta mansão pertencia à mãe do príncipe Ivor. Sua Alteza Real convidou-nos para morar aqui por achar que teria mais proteção — observou a baronesa. — Todos nós adoramos este lugar. As crianças têm especial predileção pelo jardim. A casa reservada ao ministro das relações exteriores embora fique bem perto do Parlamento, é pequena, muito simples e um tanto escura.

— Esta mansão é encantadora! — exclamou Linetta. — O jardim é grande, lindo e muito bem cuidado.

A baronesa sorriu e deixou o quarto em seguida. Linetta foi até à janela voltada para o jardim e ficou por alguns minutos admirando os canteiros floridos, o gramado e a vegetação que revestia a encosta da colina. Mais além estendiam-se os campos cultivados que chegavam até o mar.

Afastando-se da janela, Linetta tirou o chapéu e ajeitou os cabelos. Ainda estava diante do espelho quando as crianças vieram chamá-la para ver o pequeno lago artificial onde eles nadavam.

Uma vez ao ar livre, Linetta pôde ver melhor o palácio. Achou-o realmente portentoso e desejou ver o príncipe Ivor e ter a oportunidade de falar com ele quanto antes.

Como não viera do porto à cidade no coche com o barão, ela não ouvira o primeiro-ministro dizer que o príncipe havia partido para o Sul. Foi só à hora do chá que ficou sabendo da viagem de Sua Alteza Real.

— A meu ver o príncipe está perdendo tempo em recorrer a esses amigos para ajudá-lo a expulsar os russos do nosso território. Acho que Sua Alteza Real deve procurar pessoas de grande importância, capazes de intimidar e deter o inimigo — opinou a baronesa.

— O príncipe sabe o que faz — ponderou o marido. — Irei vê-lo assim que ele chegar; quem sabe as coisas estão melhores do que no momento.

— Duvido. A situação torna-se cada vez pior. Nossos criados ou os funcionários do palácio contam diariamente histórias alarmantes sobre as desordens provocadas pelos russos. O pior é que eles ganham partidários! Homens que deviam combatê-los, estão sendo iludidos e tomaram o seu partido! — indignou-se a baronesa. — Se quer saber a verdade, querido, estou com muito

medo. Talvez seja melhor sairmos do país e irmos para um lugar seguro. Pensei até em sugerir- lhe uma viagem a Viena. Há alguns anos não visitamos nossos amigos e parentes.

Embora reconhecesse que os temores da esposa tinham fundamento, o barão considerou que entrar em pânico só iria piorar as coisas. Portanto, falou em tom tranqüilizador:

— Iremos a Viena mais tarde. Acalme-se, querida; não há motivo para ficarmos amedrontados. A situação não é tão crítica a como você supõe.

— Eu gostaria de ser otimista como você. Entretanto, estou a par dos acontecimentos e posso avaliar o perigo que corremos. Nesses dias em que você esteve ausente a situação agravou-se — insistiu a baronesa. — Se esperarmos muito tempo talvez seja impossível partirmos. Estou assustada! Muito assustada!

— Por favor, não se desespere, querida. Só lhe peço um pouco de paciência e de tempo — o barão rogou.

— Paciência é o que tenho tido — replicou a esposa.

— E, como todos na cidade, também tenho rezado muito pedindo a Deus para que você nos trouxesse boas notícias da Inglaterra. No entanto, tudo o que ouvi até agora é que devo ter calma e esperar. Como, se estou sabendo que os russos se encontram com seus regimentos há poucas milhas da Samósia?

O barão suspirou.

— Eu também estou ciente do perigo que corremos. Vou repetir o que eu já disse ao primeiro-ministro, ao meu secretário e ao ministro da guerra. Depois que eu falar com o príncipe poderei lhe dizer o que aconteceu quando estive na Inglaterra. Quanto a tomar providências para repelir ou combater o inimigo, isso é tarefa do primeiro-ministro, do seu gabinete e do ministro da guerra.

— Mas você tem o dever de proteger nossos filhos

— retrucou a baronesa.

— Ora, por favor, Michele, fique tranqüila. Procure manter a calma para não assustar a Srta. Lane e muito menos as crianças — pediu o marido.

Só então a baronesa pareceu cair em si. Passou a dar atenção a Linetta e ambas falaram sobre trivialidades.

Nessa noite, após o jantar, o barão disse amavelmente a Linetta:

— Imagino que esteja cansada da viagem e queira ir deitar-se. Pensei em pedir-lhe para tocar alguma coisa para minha esposa e eu ouvirmos, porém, decidi que o recital ficará para amanhã.

— E muita consideração de sua parte. Obrigada. Realmente, estou cansada — Linetta admitiu.

Levantando-se, fez uma mesura diante do barão e da esposa, deu-lhes boa noite e saiu da sala.

Em seu quarto, ficou por longo tempo à janela fazendo conjeturas e tentando imaginar como seria o príncipe Ivor.

"Se o príncipe for tão encantador quanto é o seu palácio cercado de jardins, concordarei em ficar na Samósia", disse a si mesma.

De repente estremeceu. Lembrou-se dos homens mal-encarados e com expressão assustadora que vira quando estava na carruagem a caminho da casa do barão e teve muito medo. Desejou fugir, voltar para a Inglaterra e para o conforto e a segurança de seu lar.

Queria estar com os pais.

O que viera fazer na Samósia?

Por que se preocupar com um principado e seu povo que nada tinham a ver com ela?

Por que fora tão louca a ponto de sugerir acompanhar o barão e fazer-se passar por professora de seus filhos?

Não havia respostas para tais perguntas.

"Estou sozinha nesta terra estranha, sabendo que os russos se aproximam cada vez mais dos portões do palácio, e não há quem os afugente", refletiu, amedrontada.

Erguendo os olhos para a lua, pediu-lhe:

"Quero ir para casa. Tenho medo de ficar aqui e do que está por acontecer. Por favor, ajude-me a ser livre e a viver tranqüilamente como no passado."

A lua continuou a brilhar no céu e a pratear com seus raios todo o jardim e o lago, enquanto as estrelas, como olhos pareciam fixarem-se em Linetta, transmitindo-lhe mensagens, não de medo ou de perigo, mas de amor.

Sentindo-se, como por milagre, invadida por uma força que nunca imaginara possuir e grande confiança no futuro, Linetta viu-se refletindo que Deus não teria permitido que ela viesse para a Samósia se não estivesse reservando para ela uma missão muito importante.

Sendo assim, ela não poderia falhar; teria de cumprir a sua parte e salvar aquele país.

As estrelas continuaram a lhe dizer que só realizando a sua tarefa ela encontraria o amor e asseguraria a paz e a felicidade da Samósia.

Afastando-se da janela, Linetta começou a despir-se. Vestiu em seguida uma camisola e deitou-se no grande leito com quatro colunas e cortinado cor-de-rosa.

Afundando no colchão macio, teve a sensação de estar sendo abraçada e de encontrar-se no aconchego do colo materno.

Era uma experiência agradável e confortante que jamais imaginara ter fora de casa.

Pela janela aberta lhe era possível ver parte do céu. Manteve o olhar fixo nas estrelas e, no silêncio da noite, captou suas mensagens que diziam:

"Você não está sozinha. Nós e os anjos velamos por você. Não tenha medo, mantenha a cabeça erguida e saiba que não deve temer os russos. Eles, sim, temem os ingleses."

Linetta podia ouvir as palavras como se tivessem sido pronunciadas em voz alta e chegavam até seus ouvidos como se fossem música.

Só então fechou os olhos para concentrar-se na melodia. Era uma composição que nunca ouvira antes, mas que teria grande importância na sua vida.

Por que tudo aquilo lhe passava pela mente, Linetta não saberia dizer.

Contudo, a melodia ali estava. Ela parecia estar vendo as notas escritas em sua frente.

Era algo mágico, uma composição romântica que afastava seus temores e falava-lhe de amor.

CAPÍTULO V

Após ter passado a noite com os amigos que moravam à beira-mar, o príncipe Ivor despediu-se deles, embora relutante.

Por um momento teve ímpetos de desistir da viagem de volta e ficar naquela casa acolhedora pelo menos mais uns dias.

Sabia que ao retornar ao palácio problemas de toda sorte estariam à sua espera. O pior era que a maioria deles não teria solução.

O príncipe também refletiu que devia estar preparado para ouvir queixas e relatos alarmantes sobre os russos que se haviam infiltrado nas cidades e que, a cada dia que passava, tornavam-se mais ousados.

Contudo, Sua Alteza Real, como herdeiro do trono da Samósia, aprendera desde a mais tenra infância que o dever vinha sempre em primeiro lugar.

— Eu gostaria de poder passar pelo menos uma semana com vocês — disse o príncipe ao dono da casa, montando em seu cavalo.

— Há sempre um quarto ao seu dispor em nossa casa — tornou o amigo. — Você sabe que a sua visita muito nos alegra.

— Obrigado. Voltarei na primeira oportunidade. Adeus — respondeu o príncipe, tocando o cavalo.

Os cavaleiros que o escoltavam achavam-se distantes dele, pois Sua Alteza Real não gostava que cavalgassem do seu lado, muito menos que invadissem a sua privacidade.

Eles partiram e quando alcançaram o campo aberto passaram a galopar, perturbando as aves que repousavam na relva. Assustadas, elas alçaram vôo, indo em busca de um abrigo mais tranqüilo.

Subitamente, o príncipe lembrou-se de que o ministro das relações exteriores devia ter chegado da Inglaterra na tarde anterior.

Era firme a esperança de Sua Alteza Real de que a rainha Vitória lhes mandasse uma parente inglesa para ocupar com ele o trono da Samósia.

Melhor do que ninguém, Sua Alteza Real sabia que só o pavilhão do Reino Unido hasteado do lado da bandeira do principado os salvaria de caírem sob o domínio dos russos que se infiltravam nas cidades, principalmente na Capital, e provocavam rebeliões que enfraqueciam o governo.

Por um momento o príncipe considerou que, se pudesse, não se casaria com uma inglesa. Achava as mulheres inglesas sem graça.

As francesas atraíam-no muito mais. Se fosse o caso de ver-se forçado a desposar uma delas, ele se mostraria otimista.

Uma esposa francesa, mesmo tendo seus caprichos e sendo difícil de contentar, sempre seria alegre, espirituosa e divertida.

Seu bom humor o contagiaria e o manteria risonho, até nas situações delicadas ou graves.

O príncipe também tinha grande afeição pelas gregas. Quando bem jovem ele chegara a pensar que talvez tivesse a sorte de encontrar um dia uma mulher especial, parecida com uma das deusas. Então a amaria por sua beleza.

Por fim, subindo ao trono, o príncipe Ivor testemunhou a invasão de outros principado pelos russos. Sal- varam-se apenas aqueles soberanos que, prudentemente, casaram-se com uma inglesa, tendo as bênçãos e a proteção da rainha Vitória.

"Espero que o ministro das relações exteriores tenha conseguido uma noiva inglesa para mim", o príncipe pensou ao alcançar a parte do seu país que mais admirava.

Por ali passavam rios largos e prateados que se precipitavam, impetuosos, rumo ao mar. A todo instante uma ou outra cegonha deixava uma das margens para voar muito alto na direção das montanhas que ainda tinham um toque da neve que as cobrira por inteiro no inverno.

"Amo o meu país", o príncipe pensou.

Ao mesmo tempo, ele tinha consciência de que o seu sacrifício seria necessário para garantir a liberdade do principado.

Desde que se tornara o soberano da Samósia o príncipe Ivor compreendera que devia se casar. Pensava em ter filhos que seriam excelentes cavaleiros, praticariam esportes e, da mesma forma que o pai e o avô, seriam educados para governar e representar com brilhantismo o país onde haviam nascido.

Para as filhas ele planejava dar um educação aprimorada e encontraria para elas maridos inteligentes e belos.

Enfim, sua família e seus descendentes tornariam os Bálcãs um lugar mais agradável do que já era.

"Essa é a vida que desejo. Não creio que seja pedir demais à sorte", continuou a refletir.

O pressentimento de que precisavam dele na Capital fez com que esporeasse o cavalo, forçando-o a ir a grande velocidade.

Já fazia duas semanas que a situação no país vinha se agravando progressivamente. Não havia uma noite em que o príncipe não punha a cabeça no travesseiro sem antes fazer uma prece pedindo a intervenção da rainha Vitória.

Só mesmo a chegada de uma noiva inglesa que viesse com as bênçãos de Sua Majestade faria com que os russos batessem em retirada.

Então a Samósia voltaria a ser um país pacífico, feliz e progressista como no passado, sobretudo durante o governo do pai e do avô do príncipe Ivor.

"Por que tudo isto está acontecendo logo comigo?", ele repetiu a pergunta que fizera a si mesmo tantas vezes.

Eram quase três horas quando o príncipe viu o palácio surgir à sua frente. Admirou-o e a expressão em seu rosto suavizou-se. Para ele nenhum outro prédio tinha tanta beleza nem aquela aparência tão romântica.

"Como seria maravilhoso se me fosse dada a chance de escolher eu mesmo uma esposa! Nós amaríamos um ao outro e

nossos filhos seriam fruto desse amor", o príncipe disse a si mesmo e riu das próprias pretensões.

Nas atuais circunstâncias ele devia dar-se por feliz se conseguisse uma noiva inglesa dócil que o obedecesse pelo menos nos assuntos que dissessem respeito ao país.

Contudo, seria imprescindível que o casal tivesse um herdeiro para governar o país quando o pai morresse.

"E melhor eu não me empolgar nem esperar demais", o príncipe ponderou. "Mesmo que eu não ame a esposa a mim destinada, será meu dever admirá-la e respeitá-la por aceitar salvar-nos."

No momento ele terminara de subir a colina e transpusera os portões do palácio. Desmontou diante de uma porta lateral e as sentinelas apresentaram armas.

Encontrou o mordomo à sua espera.

— O que aconteceu na minha ausência? — indagou Sua Alteza Real.

— Nada de extraordinário. Mas o barão Unkar voltou da Inglaterra e está ansioso para ver Vossa Alteza Real o mais depressa possível — respondeu o mordomo.

— Irei vê-lo imediatamente. Avise meus secretários que terei uma reunião com eles assim que eu voltar da casa do barão.

O mordomo curvou-se e acompanhou Sua Alteza Real até a porta por onde ele havia entrado. O príncipe andou tranqüilamente pelos caminhos entre os canteiros floridos e atravessou o gramado para ir à casa vizinha. Entre esta e o palácio não havia muro ou grades.

Da mesma forma que a mãe, o príncipe amava aqueles jardins, os gramados verde-esmeralda que se assemelhavam a imensos tapetes, as árvores, e o lago que, à luz do sol, tornava-se dourado.

Ocorreu-lhe, de repente, que seria uma tortura inominável ter de deixar o país e o seu palácio.

Era-lhe insuportável pensar que se não recebesse ajuda iria ser mais um príncipe exilado. Isto, se não o assassinassem.

"Nunca! Não quero ter o mesmo destino de outros soberanos vizinhos!", protestou energicamente. "Por mais sem-graça e problemática que seja minha noiva inglesa, a aceitarei por esposa e me esforçarei para torná-la feliz."

Chegando à frente da casa de seu ministro, o príncipe deteve-se por um momento para admirar a majestosa construção. Ele havia amado a mãe tão extremadamente que, construíra para ela, assim que ficara viúva, aquela casa tão linda quanto seu palácio, embora bem menor.

Viu pelas janelas abertas as cortinas rosa - pálido, a cor predileta da falecida princesa. Estava distraído quando chegou até ele o som de uma melodia tocada ao piano. Vinha do salão de música.

Parou, encantado, pois, além de gostar muito de música, a melodia era linda e a pianista a executava com tal expressão que lhe tocava a alma.

"Quem será a pianista? Será que o barão contratou uma professora de música para os filhos?", questionou o príncipe, incapaz de conter sua curiosidade.

Depois de ter ficado ouvindo a melodia durante uns dez minutos, subiu os degraus da casa e entrou no amplo e suntuoso hall. Muito surpreso ao ver o soberano, um dos assistentes do barão que, por acaso, passava por ali, curvou-se respeitosamente, e apressou-se em dizer:

— Boa tarde, Alteza. Sua Senhoria chegou ontem da Inglaterra e está ansioso para falar-lhe. Todavia, no palácio não souberam informar-nos quando Vossa Alteza Real regressaria da viagem.

— Bem, aqui estou e desejo ver o barão com urgência — volveu o príncipe sem rodeios.

— Por favor, acompanhe-me, Alteza. O barão encontra-se em seu escritório.

— Não se preocupe. Conheço bem a casa — replicou o príncipe, atravessando o hall e seguindo por um corredor.

Parecia não haver ninguém por perto. Ele abriu a porta do escritório e entrou.

O barão, que se achava sentado à escrivaninha, virou-se para ver quem havia entrado e, reconhecendo o príncipe, levantou-se imediatamente.

— Graças a Deus está de volta, Unkar! — o príncipe exclamou. — Passei estes últimos dias preocupadíssimo, temendo que muitas coisas acontecessem antes de seu regresso. Espero que tenha trazido boas notícias da Inglaterra.

— Muito boas, de fato, Alteza. Entretanto, teremos de aguardar alguns dias... talvez dois ou três... antes de Sua Majestade responder ao nosso pedido definitivamente — respondeu o barão.

Notando o aborrecimento do príncipe, acrescentou com otimismo:

— Acredito que a resposta de Sua Majestade será afirmativa. Afinal, ela tem uma prima distante, solteira. Naturalmente, a rainha pediu algum tempo porque achou que devia consultar seus ministros e a família da jovem princesa.

— Compreendo. Suas palavras me deixam mais tranqüilo. Sua viagem não foi em vão — observou o príncipe.

— E claro que não foi. Vamos aguardar com confiança. Em breve a rainha Vitória mandará para Vossa Alteza Real uma noiva inglesa acompanhada de sua bênção e da bandeira do Reino Unido que irá assegurar a nossa paz — enfatizou o barão.

— E tudo o que desejo. Sei que Sua Majestade nos atenderá. A rainha Vitória nunca desapontou os que a ela recorreram; também não costuma alimentar falsas esperanças a quem quer que seja — o príncipe falou, confiante. — Você desempenhou sua missão com brilhantismo, Unkar. Parabéns.

— Obrigado, Alteza. Fiz o que estava ao meu alcance. Também pressinto que, com a ajuda de Deus, acontecerá o que desejamos.

O príncipe sorriu e mostrou-se mais descontraído. Comentou em seguida:

— Quando cheguei ouvi alguém executando uma linda melodia ao piano e fiquei curioso para saber quem tocava tão bem. Você está com hóspedes?

— Ah, sim, é a Srta. Lane, a nova professora de música das crianças. Ela queria conhecer a Samósia e contratei-a para dar aulas a meus filhos. Venha comigo, Alteza, terei prazer de apresentá-la.

— Só posso dizer que você teve muita sorte, Unkar. Se os seus filhos tocarem como a professora, ficarão famosos.

Era o que o barão queria ouvir. Esforçou-se para não demonstrar que estava exultante com a apreciação do príncipe. Adiantou-se, abriu a porta do escritório, e antes de seguir com o príncipe para o salão de música, desculpou-se:

— Lamento, mas não poderei acompanhá-lo. Lembrei-me de que vou receber um visitante que me trará uma mensagem de grande importância. Vossa Alteza conhece bem a casa e sabe onde fica o salão de música. Tenho certeza de que a pianista irá sentir-se honrada ao saber que o nosso soberano elogiou-a.

Sem dar chance ao príncipe de perguntar que mensagem importante seria aquela, o barão afastou-se depressa.

O príncipe seguiu na direção oposta e, chegando ao salão, segurou a maçaneta da porta, porém não a abriu. Ficou por um momento atento à composição maravilhosa que aos seus ouvidos soou como música celestial.

Quando, por fim, abriu a porta, viu sentada ao piano, uma jovem loira de rara beleza. O sol que entrava pela janela cercava-a como se fosse uma aura dourada.

Encantado, e, ao mesmo tempo, não querendo perturbar a concentração da pianista, o príncipe não se moveu. A composição estava no fim e Linetta correu graciosamente os dedos pelo teclado, terminando de tocar.

Percebendo que alguém entrara no salão, virou-se e surpreendeu-se ao ver à porta um homem ainda jovem e extremamente bonito, usando traje de montaria. Era muito alto, tinha porte atlético, cabelos negros e olhos verdes.

O príncipe foi até Linetta.

— Ouvi-a tocando e fiquei maravilhado — disse ele com sinceridade. — Admito que não reconheci a composição que você acabou de executar. Entretanto, tive a sensação de que falava do sol, das flores, da brisa, enfim, da natureza.

Linetta sorriu, lisonjeada.

— Esse é o maior elogio que já recebi. Eu mesma compus a melodia que acabei de tocar.

— Eu gostaria muito que você tocasse para mim, no palácio. Já pensei várias vezes em contratar um grande músico para tocar no meu teatro, mas até agora não encontrei um com o seu talento — declarou Sua Alteza Real. — Bem, creio que você sabe quem eu sou.

— Sim, Alteza. E será uma honra tocar em seu teatro — Linetta aquiesceu.

— O teatro não é grande. Meus pais mandaram construí-lo para a apresentação de peças religiosas, principalmente no Natal — expôs o príncipe.

— Posso fazer uma sugestão, Alteza?

— Naturalmente, Srta. Lane.

— Eu gostaria de conhecer o teatro e tocar ali antes de apresentar-me para Vossa Alteza Real e seus convidados. Este salão, por exemplo, não tem uma acústica perfeita — Linetta criticou.

— Tem toda razão, senhorita. Vá ao palácio esta noite, após o jantar. Se aprovar a acústica, poderemos decidir quando irá apresentar-se para maravilhar toda a Samósia com o seu extraordinário talento e receber os mais efusivos elogios — propôs o príncipe.

— Aceito o convite. Tocarei com prazer para Vossa Alteza Real. Depois, se me permitir, eu gostaria de praticar um pouco no local, antes de apresentar-me a seus convidados que talvez me aplaudam ou me critiquem.

— Não acredito que uma exímia pianista como você possa receber críticas — contrapôs o príncipe. — Pelo contrário, seu talento será exaltado. Também lhe prometo que meu teatro que já é lindo, será enfeitado, de modo a tornar-se um cenário perfeito para uma virtuose como você.

— Obrigada. Vossa Alteza Real é muito amável. Estarei no palácio após o jantar — Linetta asseverou.

— Eu gostaria de convidá-la para jantar comigo. Só não o faço porque eu também teria de convidar o barão, a esposa e mais alguns amigos. Nesse caso ficaríamos conversando até tarde e não nos sobraria tempo para a sua música.

— E verdade.

— Sinceramente, prefiro muito mais ouvir a música que você transmite com seus dedos, ao som das vozes de meus convidados. E hoje, então, que cheguei de viagem, vou deliciar-me ouvindo boa música e não quero pensar nas montanhas de cartas e mensagens que esperam por mim.

Um sorriso brincou nos lábios de Linetta.

— Vossa Alteza Real pode estar certo disso.

— Muito bem. Espero-a no palácio às nove. Só eu a ouvirei tocar. E, na primeira oportunidade, poderemos pensar na organização de um programa para você apresentar-se a meus amigos.

— Será um prazer, desde que eu pratique no seu teatro, sem ninguém presente, nem mesmo Vossa Alteza Real — Linetta insistiu.

— Todo o teatro está ao seu inteiro dispor — ofereceu o príncipe. — Agora devo voltar ao palácio; há muito trabalho esperando por mim. Até às nove, e não se atrase, Srta. Lane.

Linetta ergueu a cabeça e notou que príncipe a fitava de modo intenso e peculiar. Ambos ficaram imóveis, silentes e, por um momento nenhum dos dois conseguiu afastar o olhar.

Por fim, como se tivesse de fazer algum esforço, o príncipe caminhou na direção da porta.

— Diga ao barão, quando ele voltar, que estarei à sua espera em meu gabinete. Quero saber detalhes da viagem à Inglaterra — pediu o príncipe antes de sair do salão.

Desapareceu em seguida, sem dar a Linetta tempo de responder. Ela voltou a sentar-se no banquinho do piano, mas manteve os olhos fixos na porta, como se o príncipe ainda estivesse ali.

Em poucos segundos ela saiu de seu enleio e voltou ao normal. Refletiu então que o príncipe era muito diferente do que havia imaginado. Sem dúvida, era belo, jovem, alegre, enfim, encantador.

Todavia, era um homem assim que ela desejava para marido? Sua Alteza Real reunia as qualidades que ela esperava encontrar no homem dos seus sonhos?

Admitia que simpatizara com o príncipe e até se sentira atraída para ele; mas, chegaria a amá-lo?

"Não estou segura dos meus sentimentos, o que deve ser natural, uma vez que acabei de conhecer o príncipe", pensou.

A porta abriu-se e ela sentiu o coração pulsar mais forte, imaginando que Sua Alteza Real tivesse voltado.

Viu, com certo desapontamento, que era o barão. Ele perguntou-lhe:

— O príncipe Ivor a encontrou?

— Sim, Sua Alteza Real esteve aqui. Prometi tocar para ele, esta noite, no teatro do palácio — Linetta respondeu. — O príncipe colocou o teatro à minha disposição para eu praticar à vontade e testar a acústica. Prometi tocar para os amigos dele na primeira oportunidade.

Tudo estava correndo melhor e muito mais depressa do que ele esperava, o barão pensou, porém disse em voz alta:

— Não só o nosso soberano, mas o povo da Samósia em geral, são grandes apreciadores da música.

— Alegra-me saber disso. Quero preparar-me muito bem para que o programa não seja um desastre.

— Jamais será um desastre — protestou o barão.

— Estou muito contente porque você e o príncipe já se conheceram e terão chances de ficar a sós. Foi muito bom o encontro de ambos ter sido casual.

— Sem dúvida. Foi um bom começo. Conversamos com muita naturalidade. Como Sua Alteza Real está interessado na minha música, acredito que iremos nos ver com freqüência — Linetta alegrou-se.

Uma ruga profunda marcou a testa do barão.

— Um bom começo, é verdade. Todas as nossas esperanças estão depositadas em você. A situação do país agravou-se demais nestes dias em que estive ausente.

— Está querendo dizer que os russos prenderão o príncipe e assumirão o governo? — Linetta perguntou, alarmada.

Em voz baixa, como se receasse ser ouvido, o barão respondeu:

— Infelizmente, sim. Não estou exagerando ao afirmar que os russos estão avançando para cá. A primeira vítima, sem sombra de dúvida, será Sua Alteza Real.

Os olhos de Linetta arregalaram-se.

— Eles... matarão o príncipe... ou o levarão preso?

— O que posso dizer? — O barão estendeu os braços, num gesto de desânimo. — Os soberanos que conseguiram escapar deixaram o país antes da chegada do inimigo.

— Meu Deus! — Linetta levou as mãos à cabeça.

— Que comportamento selvagem, cruel e abominável! Não posso acreditar que isto esteja acontecendo no mundo de hoje, quando temos tanto progresso.

— A ambição leva os homens a cometerem loucuras. Os russos estão determinados a ter acesso ao mar e não desistirão. — O barão fez uma pausa, depois da qual, concluiu: — Só uma pessoa poderá fazê-los recuar.

Linetta ficou pensativa.

— Está pedindo demais. Ainda não me sinto segura para concordar em casar-me com o príncipe. Compreenda, mal trocamos algumas palavras.

— E claro que a compreendo. O problema é que, se esperarmos muito tempo, perderemos nosso país, nosso soberano e a nossa liberdade. O povo, tão alegre e pacífico se tornará escravo. Está em suas mãos evitar tudo isso — ponderou o barão com voz grave.

Inquieta, como se não suportasse continuar ouvindo o ministro, Linetta caminhou para a porta. Disse antes de sair:

— Preciso de um bom descanso antes do jantar. Quero estar na minha melhor forma quando for ao teatro ao encontro do príncipe, às nove horas.

Assim que Linetta desapareceu, fechando a porta, o ministro das relações exteriores levou a mão à testa. Sentia a cabeça latejar por causa da tensão a que vinha sendo submetido.

Já havia feito tudo o que dependia dele. Agora era esperar que, por algum milagre, duas pessoas jovens se amassem e, juntas, salvassem a Samósia e seu povo.

Faltavam cinco minutos para as nove quando Linetta entrou no teatro. Não havia ninguém ali.

As luzes estavam acesas em algumas arandelas e sobre o piano que, para sua surpresa, fora tirado do fosso da orquestra, onde era o seu lugar, e levado para o palco.

"Sua Alteza Real quer transformar-me numa estrela", pensou, sentando-se na banqueta.

Antes de correr os dedos pelo teclado, olhou ao redor e admirou o teatro. Era luxuoso e, embora bem menor, lembrava o teatro da Ópera de Viena. O teto pintado era, em si, uma perfeita obra de arte.

Para testar o som do piano e a acústica do teatro, Linetta começou a executar uma de suas melodias prediletas. Era tão tocante que ela sentiu-se fora da terra, transportada para o céu.

Levada pela beleza da música, repetiu um trecho, prolongando a execução. Quando parou e descansou as mãos sobre o colo, ouviu o som de aplausos.

Soube que o príncipe havia entrado no teatro silenciosamente e sentara-se numa das poltronas para ouvi-la.

— Maravilhoso! Perfeito! — ele elogiou-a, subindo para o palco. — Quem a ensinou a tocar tão bem? E que composição é essa, que desconheço?

— Estudei piano com minha avó. Essa música que terminei de tocar também fui eu quem compôs — tornou Linetta. — Vejo a música como algo sublime. Quando executo alguma peça ao piano, sinto-me feliz e as dificuldades parecem deixar de existir.

— Também aprecio muito a boa música. Para mim ela é a mais pura linguagem da alma. Nada melhor do que a música para expressarmos os nossos sentimentos — declarou o príncipe, sentando-se a pouca distância do piano, mas de modo a poder ver o rosto de Linetta.

— Concordo com Vossa Alteza. Mamãe costuma dizer que a música é a voz dos anjos. Mas, o que deseja ouvir?

— Se for possível, toque algo que me ajude a encontrar a solução para as questões que me afligem no momento. — O príncipe ficou pensativo, depois acrescentou: — Não sei por que lhe fiz esse pedido, Srta. Lane. Talvez seja porque eu a considere um anjo enviado do céu para me ajudar.

— Oh, está esperando muito de mim, Alteza. Tudo o que lhe posso prometer é tentar ajudá-lo.

Linetta concentrou-se por um instante, em seguida começou a tocar, completamente absorta, como se tivesse esquecido da presença do príncipe.

Ele, por sua vez, enquanto ouvia atentamente a peça que estava sendo executada, sentiu-se mais calmo e relaxado. Os problemas que lhe foram apresentados quando chegara da viagem não lhe pareceram insolúveis.

Em vez de pensar em preocupações e dificuldades, o príncipe estava olhando para um céu límpido e buscando a felicidade, a qual, acreditava, ainda iria encontrar.

Quando a música terminou, muito suavemente, o príncipe voltou à realidade. Teve consciência de quem era e que estava em seu teatro ouvindo uma jovem pianista.

Ficou de pé e aproximou-se do piano.

— Que música linda! Como se chama? Posso ter uma cópia dessa composição?

Linetta sorriu.

— Receio que não seja possível. É a primeira vez que toco essa música. Procurei atender ao pedido de Vossa Alteza e a música fluiu dos meus dedos. Espero tê-lo ajudado a encontrar a solução para os seus problemas.

A expressão do príncipe era de espanto.

— Está querendo dizer que compôs *agora* o que acabou de executar?

Linetta fez que sim com a cabeça.

— Mal posso acreditar — o príncipe murmurou. — E uma melodia belíssima. Enquanto eu a ouvia, senti que eu conseguiria o que buscava e que encontraria a felicidade.

— Alegra-me saber que teve essa sensação. Tentei dizer-lhe através da música o que nem mesmo as mais lindas palavras seriam capazes de expressar — observou Linetta com simplicidade.

— Realmente, as palavras são pobres para expressar os anseios da alma e do coração.

— Agora quero executar mais uma composição que tenho guardada na mente. Ouça-a, pois acredito que lhe dirá o que Vossa Alteza deseja saber.

Sem responder, o príncipe sentou-se novamente e Linetta voltou a tocar. A música, suave e íntima, parecia calar fundo na alma de Sua Alteza Real.

Por quanto tempo Linetta tocou, ele não saberia dizer. Quando as últimas notas, num *rallentando,* encerraram a música, ele suspirou profundamente.

— Prefiro não fazer comentários sobre essa composição por que poderia estragar algo que é absolutamente perfeito. Só quero apresentar-lhe os meus agradecimentos porque sua música me revelou o que eu queria e precisava saber. Também tenho idéia de como agir, Srta. Lane.

— Fico muito feliz por saber que o ajudei. Agora devo voltar para casa. Já é tarde e ambos estamos cansados — disse Linetta, levantando-se da banqueta.

O príncipe acompanhou-a até a porta e antes de se despedir, perguntou-lhe:

— Você gosta de cavalgar? Não sei por que, mas tenho a impressão de que você é excelente amazona.

— Sim, monto muito bem e ficaria imensamente feliz se tivesse a oportunidade de montar um dos cavalos que vi esta manhã. Achei-os magníficos.

— Era o que eu queria ouvir. Faremos um passeio amanhã cedo — convidou o príncipe. — Quero mostrar-lhe algumas das belezas do meu país.

— E um convite que não posso recusar — Linetta aceitou com um sorriso.

— Embora os meus seguranças não queiram que

eu saia sozinho, iremos sem escolta porque preciso falar-lhe a sós, Srta. Lane.

— Vossa Alteza acha que não correrá perigo? — indagou Linetta, um tanto apreensiva.

— Não nos afastaremos muito do palácio — o príncipe tranqüilizou-a.

— Está bem. A que horas sairemos para o passeio?

— As seis. Não é muito cedo para você?

— Oh, não. Sempre morei no campo e costumo levantar-me para cavalgar logo que o dia clareia.

— Ótimo. Encontre-me às seis no jardim, perto da fonte do lado leste. Escolherei para você um cavalo excelente.

— Mal posso esperar pelo passeio — disse Linetta, empolgada.

Ela despediu-se do príncipe e afastou-se depressa. O primeiro impulso de Sua Alteza Real foi correr para alcançá-la. Poderia acompanhá-la até a casa do barão e enquanto caminhavam, conversariam.

Reconheceu que seria um erro. A música tornara aquela noite especial, cheia de magia, beleza, e assim devia continuar.

Subiu para os seus aposentos ainda enlevado, com a sensação de que devia estar sonhando.

CAPÍTULO VI

O dia amanheceu radioso. Nos canteiros as flores saudavam o sol de verão e os pássaros cantavam nas oliveiras.

Linetta acordou feliz porque ia cavalgar com o príncipe. Por sorte a mãe colocara na sua bagagem um conjunto de montaria azul-claro, muito bonito.

Ela vestiu-o, guardou um lencinho num dos bolsos, penteou os cabelos e colocou o chapéu.

Ia descer quando se lembrou das pistolas que o pai lhe dera, recomendando-lhe que as levasse sempre consigo, pois os russos eram perigosos.

Reconheceu que devia estar prevenida, uma vez que ela e Sua Alteza Real iriam cavalgar sem escolta.

Sem hesitar nem sequer por um instante, pegou as armas e guardou-as nos bolsos da saia ampla de montaria que, felizmente, eram fundos.

"Não sei... algo me diz que o príncipe não devia sair do palácio sem escolta", disse a si mesma com um mau pressentimento.

Olhou-se no espelho mais uma vez e deixou o quarto. Lá fora não havia ninguém. Ela admirou o jardim multicolorido, as abelhas e borboletas voando sobre as flores, a linda manhã, e procurou esquecer que os russos representavam uma ameaça para o país.

Chegando à fonte, onde devia encontrar-se com o príncipe, Linetta não o viu. Achou que estava adiantada e decidiu ir até às cocheiras.

Encontrou o príncipe aguardando que os cavalariços terminassem de encilhar os cavalos.

— Oh, já chegou, Srta. Lane. — O príncipe ergueu o chapéu. — Está adiantada, o que é raro para uma mulher. Em geral elas se atrasam. E muito bom fazermos nosso passeio mais cedo enquanto o sol não está muito forte. Nossa escolta está esperando por nós a pouca distância daqui.

Pelo brilho nos olhos do príncipe e sua expressão risonha, Linetta entendeu que ele havia mencionado a escolta para impressionar os dois cavalariços.

— Que lindo cavalo! — Linetta apreciou, dando umas palmadinhas no pescoço do animal a ela reservado.

Era todo branco, exceto por um toque de preto no focinho e nas patas, perto do casco. Reconheceu que era muita consideração do príncipe ceder-lhe um cavalo tão soberbo.

Bastou olhar para a sela para ver que era muito fina.

— O nome desse cavalo é Angel — informou o príncipe. — Achei que era bem apropriado para você. E um dos melhores que possuo e só se compara a Firefly, o cavalo que vou montar. Há mais de um ano é o meu favorito.

— Obrigada por emprestar-me um animal tão magnífico. Angel é um dos mais belos cavalos que já vi.

— Linetta olhou para o outro animal e acrescentou:

— Firefly, naturalmente, também é extraordinário.

O cavalariço terminou de selar Angel e Linetta passou a falar com o animal, como aprendera com o pai a fazer, desde menina.

Disse-lhe que ele era um cavalo lindo e que iria apreciar o passeio tanto quanto a amazona.

Notando a conversa de Linetta com o animal, o príncipe observou:

— Vê-se que é inglesa, Srta. Lane. Está tratando o cavalo como se fosse um amigo ou, talvez seja melhor dizer, um namorado.

— Oh, Alteza, um namorado! — Linetta sorriu. — Creio que será difícil encontrar um homem tão belo quanto Angel.

— Você parece ter resposta para tudo. — Nos lábios do príncipe também brincava um sorriso. — Mas é claro que me agrada ouvir elogios feitos aos meus cavalos. Considero-os os melhores que há. Possuo puros- sangues ingleses e cavalos anglo-árabes.

Sem que Linetta esperasse, o príncipe segurou-a pela cintura e colocou-a na sela de Angel. Em seguida, montou Firefly e acrescentou:

— Vou levá-la a um lugar, não muito distante daqui, e quero ouvir a sua opinião sobre ele.

— Um lugar especial? — Linetta indagou.

— Para mim, é.

Ambos atravessaram o pátio das cocheiras, passaram pelas sentinelas que guardavam os portões dos fundos do palácio e chegaram a um terreno plano, coberto de relva ainda molhada pelo orvalho.

Estimulando sua montaria, o príncipe partiu a galope. Angel acompanhou Firefly sem que Linetta precisasse encorajá-lo.

Eles distanciaram-se da cidade e seguiram pela margem de um rio com corredeiras que desembocava no mar.

Do outro lado do rio erguia-se uma cadeia de altas montanhas, algumas delas com os picos ainda cobertos de neve que refulgiam ao sol da manhã.

Naquele trecho a relva era alta e, à medida que eles iam passando, borboletas amarelas levantavam vôo, agitadas, e adejavam no ar, à frente deles.

Era tudo tão bonito que Linetta teve a sensação de haver entrado num paraíso especial que ela nunca imaginara que existisse.

Eles cavalgaram cerca de uma milha em silêncio. Então o príncipe refreou Firefly, sorriu para Linetta e disse:

— Ao reservar-lhe Angel, um dos meus melhores cavalos, imaginei que você seria a pessoa perfeita para me acompanhar montando Firefly. Estou feliz porque não me enganei. Você é a amazona mais extraordinária que já conheci.

— Suas palavras me envaidecem, Alteza. Também estou feliz por montar um cavalo excelente como Angel — Linetta respondeu.

Ambos continuaram a galopar. Sempre que passavam por alguma árvore, pássaros voavam de seus galhos, assustados com aquela intromissão no seu mundo silvestre e desabitado.

Quando um pequeno bosque surgiu à distância de uns cem metros, o príncipe refreou Firefly, fazendo-o seguir a passo, e voltou-se para Linetta que estava do seu lado.

— Estamos distante de tudo, exceto do que considero um mundo de sonhos.

Achando estranhas aquelas palavras, Linetta simplesmente olhou para o príncipe com expressão indagativa.

— Quero mostrar-lhe o meu refúgio. E um lugar aonde vou quando tenho preocupações ou estou aborrecido — o príncipe segredou.

— Vossa Alteza está me deixando curiosa — disse Linetta.

— Ninguém jamais me acompanhou até aqui, mas eu quis trazê-la comigo porque sei que você é uma pessoa sensível e compreenderá que esse refúgio significa para mim o que a música representa para você.

Suas composições me tocaram tanto que parecem ter ficado em minha mente e meu coração.

Não sabendo que dizer e, ao mesmo tempo, sensibilizada pela confiança que o príncipe depositava nela, Linetta manteve-se em silêncio.

Entretanto, não pôde deixar de refletir que era maravilhoso ter conseguido com sua música comover o príncipe a tal ponto que ele a estava trazendo para o seu refúgio, um lugar que significava tanto para ele.

A pequena distância foi vencida e eles entraram no bosque. Seguiram por uma trilha até um pequeno riacho onde pararam para os animais tomar água.

— Fale-me sobre você — pediu o príncipe a Linetta, que estava distraída, admirando o bosque.

Como se despertasse de um sono, ela conseguiu responder:

— Minha vida tem sido tão monótona. Vossa Alteza, sim, deve ter coisas interessantes para contar.

— Nem tanto. O que posso dizer a meu respeito? Estou com trinta anos, estudei na França e na Alemanha e herdei o principado há oito meses.

— Vossa Alteza deve orgulhar-se de seu país. Eu não fazia idéia de que a Samósia era tão linda — Linetta comentou.

— Sim, é linda, mas está em perigo! Um perigo que me assombra dia e noite. Não suporto a simples idéia de que posso a Samósia para os russos! — exclamou o príncipe com veemência.

— Perdê-la, Alteza? Oh, isso não pode acontecer — Linetta protestou. — Deve haver um meio de salvar o principado.

— O único meio é ter no trono da Samósia uma princesa que seja parente da rainha Vitória, pois os russos só temem a Grã-Bretanha. Como você está morando na casa do nosso ministro das relações exteriores, deve saber que ele foi à Inglaterra justamente para pedir a ajuda de Sua Majestade — expôs o príncipe.

O modo como ele falou e sua expressão angustiada fizeram com que Linetta sentisse uma ponta de remorso, pois bastaria dar o "sim" para salvar o principado.

Ao mesmo tempo, achava que ela e o príncipe deviam se conhecer melhor. Aproveitou a oportunidade de estarem ambos ali, sozinhos, e perguntou:

— Caso a rainha Vitória atenda ao pedido do ministro, Vossa Alteza não achará difícil aceitar por esposa uma desconhecida, uma mulher com quem nada tem em comum?

— Talvez tenhamos pelo menos uma coisa em comum: o desejo de salvar este país. Acredito que ela aceitará ser minha esposa pensando no bem da Samósia.

— Suponhamos que tanto a sua noiva como Vossa Alteza não gostem um do outro — Linetta insistiu. — O que Vossa Alteza fará?

— Quantas vezes não me fiz essa pergunta! A resposta que encontrei é invariavelmente a mesma: a pátria deve ser colocada em primeiro lugar e merece qualquer sacrifício — respondeu o príncipe com sinceridade. — E claro que, como a maioria dos homens, eu sempre esperei me apaixonar pela mulher que viria a tornar-se minha esposa. Também desejei que essa mulher me amasse por mim mesmo e não pela posição social que passaria a ter com o casamento.

O príncipe fez uma pausa e olhou ao redor como se estivesse avaliando a preciosidade que possuía e que não suportaria perder. Segundos depois, voltou a falar:

— Ontem, quando você tocou suas comoventes composições ao piano, compreendi que eu não poderia abrir mão dos meus sonhos. Eles são metade de mim.

— Sem dúvida, a situação em que Vossa Alteza se encontra não é nada confortável — Linetta falou com suavidade. — Mas talvez Vossa Alteza esteja sendo pessimista. Por que não pensar que será possível apaixonar-se pela noiva escolhida pela rainha Vitória?

O riso do príncipe, destituído de humor, feriu a atmosfera tranqüila do bosque.

— A vida não é assim, Srta. Lane. O que você está sugerindo só existe nos nossos sonhos e na sua música. A vida é fria e cruel! — ele desabafou.

Vendo que Linetta mantinha-se em silêncio, prosseguiu:

— Se a rainha mandar-me uma noiva eu a aceitarei por não ter alternativa. Caso eu não a aceite perderei o principado e, talvez, a vida. Entretanto, saberei respeitar a minha esposa, ainda que não

a ame. Mesmo que ela não consiga ser feliz numa terra estranha e casada com um desconhecido, farei tudo o que estiver ao meu alcance para conquistar a sua simpatia e lhe proporcionarei todo o conforto.

— Vossa Alteza já pensou que a noiva escolhida por Sua Majestade talvez esteja com dúvidas e problemas semelhantes aos seus? — Linetta levantou a questão.

— Impossível. Que mulher não desejaria desposar um rei, um príncipe, um duque ou um lorde? Eu seria um rematado tolo se acreditasse no total desprendimento de uma mulher — replicou o príncipe com um sorriso cético.

— Lamento, mas discordo de Vossa Alteza. Há muitas mulheres que não são interesseiras e sonham em se casar por amor.

— Respeito a sua opinião, mas não me iludo, Srta. Lane. A noiva escolhida para mim só me aceitará porque sou um príncipe. Acredito que ela será uma boa princesa, porém em nossa vida não haverá lugar para os sonhos que a sua música despertou em mim ontem à noite.

Como se não pudesse dizer mais nada, ele tocou o cavalo e embrenhou-se no bosque. Linetta teve de ir atrás dele porque a trilha era estreita.

Minutos depois o príncipe refreou Firefly novamente.

— Desculpe-me se fui rude — disse quando Linetta chegou do seu lado. — Tenho ficado acordado noite após noite pensando no futuro e vejo tudo muito sombrio. Estou com medo de não conseguir continuar a obra de meu pai, como era meu sonho e também como fui orientado a fazer.

— Fale-me sobre isso — pediu Linetta com brandura.

— Quando meu pai morreu, subi ao trono cheio de idéias progressistas. Felizmente, o país estava prosperando por causa da extração de minérios e eu incentivei esse setor empregando técnicas e máquinas mais modernas. Tudo ia muito bem, eu sonhava encontrar uma esposa que eu amasse e que me ajudaria a dar ao meu povo não apenas riqueza, mas também felicidade. Talvez fosse utopia, mas eu acreditava que, juntos, nós cuidaríamos de desenvolver as aptidões de cada um, promovendo assim o bem-estar da sociedade. Tornaríamos a Samósia um modelo para os outros reinos e principados dos Bálcãs.

— Não creio que seja utopia. Vossa Alteza é jovem, capaz, idealista, e a Samósia, além da posição geográfica privilegiada, tem riquezas. Quanto à esposa, certamente a encontrará — Linetta falou com otimismo.

— Onde? — O príncipe ergueu uma das mãos. — Asseguro-lhe que visitei as mais importantes cortes da Europa e achei todas as princesas que conheci muito sem graça, tolas, pretensiosas e, pior do que isso tudo, ignorantes.

— Oh, certamente elas não tinham todos esses defeitos.

— Não. Eu exagerei — o príncipe admitiu. — Mas posso afirmar que nenhuma delas seria capaz de manter uma conversa elevada, muito menos teria sensibilidade para apreciar uma boa

música e captar a mensagem transmitida pela melodia. Bem, vamos continuar. Estamos quase chegando.

Ele tomou a dianteira novamente e Linetta seguiu-o. Quando chegaram a uma cerca que havia ao redor de várias árvores, o príncipe desmontou e amarrou as rédeas do cavalo em uma das ripas. Linetta fez o mesmo. Deu umas palmadinhas no pescoço de Angel, depois tirou as luvas e foi para junto do príncipe.

— Venha — ele convidou-a. — Vou mostrar-lhe o lugar sobre o qual lhe falei. Venho aqui desde garoto e você vai ser a primeira pessoa que me acompanha a este meu refúgio.

— Vossa Alteza vem aqui desde criança? — Linetta admirou-se.

— Quando descobri este lugar eu devia ter dez anos. Sempre vim aqui bem cedo e sozinho.

O príncipe abriu o portãozinho de madeira e deu a mão para Linetta. Aquele contato provocou nela uma agradável sensação de conforto e segurança.

Ambos caminharam de mãos dadas e atravessaram uma passagem bem antiga. As pedras, desgastadas pelo tempo, estavam cobertas de musgo e o mato havia crescido entre elas.

O lugar aonde chegaram era mais sombrio porque a vegetação muito densa mal permitia a entrada do sol. Logo à sua frente, Linetta viu o que julgou ser um poço cercado de samambaias e trepadeiras.

A pouca distância do poço havia um banco tosco, feito de tronco de árvore.

Estava intrigada, questionando-se o que poderia haver ali de tão especial para significar tanto para o príncipe, quando este explicou:

— Este não é um poço comum. De acordo com a sua história é um poço dos desejos.

— Poço dos desejos! — Linetta admirou-se. — Como o encontrou, Alteza?

— Antes de responder à sua pergunta quero pedir-lhe para deixar as formalidades e tratar-me por "você" e Ivor, simplesmente. Além de estarmos sozinhos, somos amigos.

— Está bem. Obrigada pela consideração.

— Vamos à história do poço — o príncipe continuou. — Ele é muito, muito antigo. Eu o descobri quando menino, mas achava que era simples poço, como outro qualquer, sem nada de extraordinário. Certo dia, encontrei na biblioteca alguns manuscritos de vários séculos atrás. Não entendi aquela linguagem e procurei um professor da universidade para decifrá-lo. Fiquei, então, sabendo toda a história do poço e de seus poderes mágicos.

— Que interessante! Mas será que ele tem mesmo poderes mágicos? — Linetta indagou com expressão de dúvida.

— Segundo os manuscritos, o poço existe desde tempos imemoriais. Pertencia a espíritos que o guardavam e atendiam aos pedidos de todos aqueles que aqui fizessem as suas preces e formulassem seus desejos.

Sempre segurando na mão de Linetta, o príncipe levou-a para bem perto do poço. Ela debruçou-se na borda de pedra que o cercava e olhou para a água, que parecia ser muito profunda.

Questionava-se se aquele poço, depois de tanto tempo, ainda estaria sob a proteção de espíritos guardiães e se teria mesmo poderes mágicos, quando o príncipe falou:

— Depois que fiquei conhecendo a história deste lugar, passei a vir aqui, não para brincar como fazia quando menino, ou apenas para isolar-me, mas para apresentar minhas dificuldades e problemas ao poço, esperando encontrar soluções e respostas.

— E tem encontrado?

— Em geral, posso dizer que sim... — o príncipe hesitou antes de acrescentar: — ... à minha maneira.

— A sua maneira? Como? — Linetta perguntou, confusa.

— Falando com franqueza, sempre fui racional o bastante para não acreditar em "poderes mágicos". Acredito, sim, nas forças da natureza. Esses "espíritos guardiães" podem muito bem ser a energia da terra e das plantas que há neste lugar. Depois que estive no Tibete, compreendi que a nossa mente é muito poderosa. Em resumo, passei a entender que as respostas e soluções que eu buscava me eram apresentadas porque sempre que vinha a este refúgio eu ficava muito relaxado, meditava e acabava captando as mensagens de meu cérebro. Em geral, eu voltava para o palácio sabendo o que fazer ou que decisões tomar.

— E agora, por que não tenta, à sua maneira, encontrar a solução para os problemas que tanto o afligem?

— Foi para isso que eu a trouxe aqui. Preciso da ajuda de uma pessoa sensível como você. Ando tenso, inquieto, até mesmo revoltado, o que me impede de concentrar-me. Portanto, proponho que ambos peçamos pelo bem e pela paz da Samósia. Provavelmente o seu pedido será agradável aos "espíritos guardiães" e não o meu.

— Farei o que está propondo, claro — Linetta assentiu suavemente. — Também pedirei pela sua felicidade.

— A felicidade que me proporcionou ontem à noite? Eu gostaria que aquele estado de espírito durasse — o príncipe murmurou. — Mas, olhe para cima e compreenderá porque eu disse que foi a sua música que me inspirou a trazê-la até aqui.

Erguendo a cabeça, Linetta viu que, lá no alto, a ramagem das árvores centenárias e o emaranhado de lianas e trepadeiras formavam uma espécie de teto. A luz do sol que conseguia se filtrar através dos pequenos vãos entre as folhas, projetava longos raios luminosos, que rompiam a névoa que ainda pairava no ar, emprestando àquele recanto uma beleza mística.

— Isto aqui é simplesmente maravilhoso! Parece um templo — murmurou Linetta, ainda olhando para cima.

Sentindo o príncipe apertar-lhe a mão, voltou-se para ele e adorou o sorriso que viu em seus lábios.

— Da mesma forma que você presenteou-me com a sua música que tanto me comoveu, eu quis oferecer-lhe isto. — O príncipe fez um gesto indicando o poço e tudo que o cercava.

Por um momento, ela e o príncipe apenas se fitaram em silêncio; continuavam de mãos dadas.

Uma voz masculina, muito áspera, sobressaltou-os.

— Ali estão eles!

Ambos se voltaram na direção do som e viram dois homens de uniforme. Eram soldados russos! O príncipe apertou a mão de Linetta tentando infundir-lhe confiança e indagou aos intrusos em tom severo:

— Quem são vocês e o que fazem aqui?

Muito surpresa, Linetta notou que o príncipe falou em alemão. No mesmo instante lembrou-se de o pai ter-lhe dito que os russos falavam alemão quando agiam na Europa.

— Estávamos à procura de Vossa Alteza Real — respondeu um dos soldados com arrogância. — Fomos muito espertos em descobrir este lugar que mais parece um refúgio secreto. Posso apostar que seremos recompensados quando dissermos ao comandante que o corpo de Vossa Alteza Real foi atirado no fundo desse poço, para nunca mais ser encontrado.

O outro soldado sacou o revólver da cintura, e o que estivera falando fez o mesmo.

Horrorizada, Linetta sufocou um grito. Lembrando- se das pistolas que tinha nos bolsos da saia de montaria, pegou-as depressa e, sem pensar duas vezes, disparou-as.

Um tiro atingiu o meio da testa do soldado que estava mais perto dela e o outro pegou na garganta do segundo russo. O estrondo ecoou pelo bosque, enquanto os dois homens tombaram para trás, sem vida.

Parecendo ter despertado de um sonho mau, o príncipe passou o braço pela cintura de Linetta, puxou-a para longe do poço e ambos saíram dali, apressados. Em poucos minutos chegaram à cerca onde haviam amarrado os cavalos.

Com voz trêmula, Linetta balbuciou

— Eles... iam... matá-lo.

— Você salvou minha vida — o príncipe declarou, emocionado.

Enlaçando Linetta, puxou-a para junto de si e seus lábios encontraram os dela que, em resposta se entreabriram e seu corpo todo estremeceu.

Por um segundo ela mal pôde acreditar no que estava acontecendo. Todo o corpo vibrava, dominado por uma estranha e maravilhosa emoção, algo novo, nunca experimentado antes.

Era um sentimento tão intenso, um enlevo que parecia encher-lhe a mente, o coração, a alma. Soube, entretanto, que esse arrebatamento, essa deliciosa sensação de plenitude e felicidade era o que esperava sentir um dia quando conhecesse o amor.

O braços do príncipe enlaçavam-na fortemente e seus lábios continuavam presos aos dela, mal lhe permitindo respirar.

Levantando a cabeça, ele fitou-a com uma expressão de alheamento. Então, sem uma palavra, ergueu-a nos braços, colocou-a na sela de Angel e soltou o animal.

Montou Firefly a seguir e tomaram o mesmo caminho por onde haviam chegado até ali, para sair do bosque.

Quando deixaram a trilha estreita por entre as árvores, o príncipe recomendou a Linetta:

— Daqui em diante teremos de ir a galope. Sei como os russos agem e posso afirmar que aqueles soldados não estavam sozinhos. Seus companheiros, provavelmente, virão atrás de nós.

Sem esperar resposta, fustigou o cavalo e Linetta fez o mesmo. Compreendeu que Ivor tinha razão. Ao ouvir o soldado mencionar seu comandante não teve dúvidas de que os dois russos pertenciam a um regimento que certamente estaria na fronteira do principado.

Com um estremecimento de horror imaginou os soldados marchando para tomar a Capital.

Galopando quase tão rapidamente quanto o vento, eles chegaram depressa ao palácio. Os cavalos suados foram entregues aos cuidados dos cavalariços e o príncipe voltou-se para Linetta.

— Tenho certeza de que a invasão russa está começando. Sei que eles virão do Norte e do Sul para cercar a cidade. Enquanto vou avisar o general que está no comando das tropas, e o primeiro-ministro, quero que você volte para a casa do barão e diga-lhe o que aconteceu.

Era uma ordem.

Correndo tão rapidamente quanto lhe foi possível, ela atravessou o jardim e entrou na casa do barão pela porta lateral que ficava mais perto da sala de desjejum, onde imaginou que a família estaria reunida para tomar o café da manhã.

Alegrou-se ao ver que, felizmente, só o barão estava na sala. Dessa forma a baronesa e as crianças não ficariam assustadas.

Ao vê-la entrando na sala daquele modo intempestivo, o barão perguntou:

— O que aconteceu?

— Os russos... estão bem perto da cidade — Linetta avisou, ofegante. — Sua Alteza Real acha que eles avançam pelo Norte e pelo Sul para cercar a Capital.

— Aconteceu o que prevíamos — murmurou o barão.

— Eu sei que a salvação do principado depende de mim. Por favor, vá ao palácio imediatamente e diga a Sua Alteza Real e ao primeiro-ministro que o senhor recebeu uma mensagem especial da rainha Vitória — Linetta orientou o barão.

— Então... está querendo dizer... — balbuciou o barão, atônito, ficando de pé.

— Sim, é exatamente o que senhor está pensando. Já me decidi.

— Nesse caso... podemos anunciar o casamento?

— Sim. Avise no palácio que todos os sinos das igrejas devem tocar, vários arautos devem ser enviados por toda parte, pelas vilas e cidades, anunciando que Sua Majestade, a rainha Vitória está mandando para o soberano da Samósia, com as suas bênçãos, uma noiva inglesa — expôs Linetta.

— Deus seja louvado. O pesadelo acabou — desabafou o barão.

— O casamento será realizado no fim da tarde, às cinco horas — Linetta informou.

— Esta tarde?! — repetiu o barão, como se não tivesse ouvido direito. — Mas... será possível preparar tudo para que o casamento seja realizado ainda hoje?

— E esse o melhor meio de salvar a Samósia. A notícia das bodas será mais eficaz para forçar os russos a baterem em retirada do que combate loa com nossos canhões e tropas.

— Sim, sim, claro — concordou o barão, agitado.

— Meus pais devem ter chegado. O senhor recebeu alguma notícia do porto?

— Sim. Ontem à tarde avisaram me que um couraçado inglês estava sendo esperado ontem à noite ou esta manhã.

— Couraçado inglês? Linneta estranhou. —Meus pais haviam planejado viajar de iate.

— Oh, esqueci-me de dizer-lhe que recebi, assim que chegamos da Inglaterra, um telegrama do conde de Granville avisando Sua Majestade não só reservou para Suas Altezas um couraçado, como está mandando um de seus assessores para representá-la se o casamento se realizar — informou o barão.

— Creio que Sua Majestade ou, mais provavelmente, o conde de Granville, estava pensando que, no caso de uma invasão russa, seria mais fácil nós e o príncipe Ivor fugirmos num navio de guerra — murmurou Linetta, como se falasse consigo mesma.

O barão pareceu não ouvi-la e ela voltou ao assunto que fora interrompido.

— Pois bem, vou encontrar meus pais imediatamente. Por volta das três horas uma comitiva deve estar no porto para receber Sua Alteza Real príncipe de Leiningen, a esposa e a noiva do príncipe Ivor. Eu me vestirei no navio para o casamento e iremos diretamente do porto para a catedral. Faço questão de que as ruas estejam enfeitadas e os sinos das igrejas re- picando festivamente. Também quero bandas tocando nas ruas; a banda militar do palácio deve ficar na praça da catedral — Linetta foi dizendo depressa, atropelando as palavras.

— Está bem... — O barão lembrou-se de que estava diante de uma princesa e acrescentou: — ... Alteza. Suas ordens serão cumpridas, Alteza. Teremos pouco tempo para tantos preparativos, mas faremos tudo com a maior alegria. Os russos não estarão esperando por nada semelhante!

— Ah, não podemos nos esquecer das damas de honra — Linetta prosseguiu. — Serão dez meninas: suas filhas, Alessandra e Karina, e mais oito. Todas se vestirão branco, terão na cabeça uma grinalda e na mão um buquê, ambos feitos com rosinhas cor- de - rosa. Acredito que a baronesa poderá cuidar dessa parte.

Muito compenetrado o barão endireitou os ombros.

— Vou começar a cuidar de tudo imediatamente, Alteza.

Linetta fez menção de sair pela porta por onde havia entrado, mas voltou-se e disse ainda:

— Lembrei-me de uma coisa muito importante. Mande anunciar também que, por ordem e vontade da rainha da Inglaterra, o príncipe e a princesa da Samósia serão coroados rei e rainha, respectivamente, após a cerimônia do casamento. Será

muito mais difícil os russos lutarem contra um rei e uma rainha do que contra um príncipe.

Sem dar ao barão tempo de fazer algum comentário, Linetta correu para o pátio das cocheiras do palácio para providenciar, além de cavalos, soldados para escoltá-la até o porto.

Antes de seguir para o palácio, o barão procurou a esposa e contou-lhe o que estava acontecendo.

Atônita, a baronesa ouviu o relato do marido e concordou em fazer de bom grado tudo o que ele lhe pediu.

— Eu faria muito mais se preciso fosse, meu querido — ela declarou com orgulho. — Sinto-me honrada de poder colaborar para o maior brilhantismo deste dia glorioso que ficará gravado na história da Samósia.

CAPÍTULO VII

Chegando às cocheiras, Linetta deu suas ordens. Enquanto os cavalos estavam sendo selados, foi falar com o oficial que comandava a tropa de guarda do palácio.

O comandante já fora prevenido de que os russos se achavam a pouca distância do principado e exultou quando Linetta informou-o da chegada da noiva inglesa mandada pela rainha Vitória e sua comitiva.

No mesmo instante prontificou-se a arranjar-lhe quatro soldados para escoltá-la até o porto.

— E muito importante que o príncipe tenha total segurança — Linetta lembrou. — Seus guardas devem estar atentos e protegê-lo o dia todo. A menor distração ou descuido poderá ser fatal. Tenho certeza de que os russos estão determinados a assassinar Sua Alteza Real antes do casamento.

O comandante ficou perplexo ao constatar que a jovem professora estava tão bem informada. Mas era prudente o bastante para fazer o que ela acabara de sugerir.

— Enviarei uma companhia para reforçar a guarda do palácio e de Sua Alteza Real em particular — prometeu.

— Organize também dois destacamentos de seus homens mais bem treinados para guardarem a princesa e sua comitiva, de modo que alcancem a cidade e, depois, a catedral, sem problemas. Receio que haja manifestações e tumultos fomentados pelos russos que já se infiltraram no país. Se tiverem chances, eles tentarão, desesperadamente, impedir que o casamento se realize.

— Infelizmente, essa é a verdade, senhorita — o comandante concordou. — Todos nós sabemos que será uma tremenda glória para a Rússia impedir esse casamento que terá as bênçãos da rainha Vitória. Só espero que a lady inglesa que Sua Majestade nos mandou, não fique assustada.

Linetta esboçou um sorriso e respondeu:

— Tenho certeza de que ela será corajosa como todo inglês tem sido diante das dificuldades.

Cavalgando para o porto, escoltada pelos três soldados e sargento, Linetta mal podia acreditar que estava vivendo toda aquela aventura.

Sentia-se inquieta, o coração apertado, como se pressentisse que algo ruim estivesse prestes a acontecer.

Eles haviam galopado durante meia hora quando um dos soldados, de repente, refreou seu cavalo.

— O que foi? — ela indagou, apreensiva.

— Há alguma coisa estranha além daquela colina. — O soldado indicou o lugar. — Será perigoso prosseguirmos sem saber do que se trata.

— Teremos de investigar, claro — assentiu o sargento, olhando na direção indicada. — Vou verificar o que é aquilo. Você devem sair da estrada e procurar abrigo.

Havia algumas árvores e arbustos do lado da estrada, a pouca distância do lugar onde se encontravam. Embora não se tratasse de um bosque, o arvoredo pelo menos lhes serviria de proteção.

Linetta e os três soldados abrigaram-se sob as árvores, procurando manter-se bem escondidos pelos arbustos. O sargento desmontou, caminhou até a colina, e contornou-a rastejando para ficar coberto pelo mato.

Sob as árvores, Linetta e os três soldados observaram-no em silêncio até vê-lo desaparecer.

Os minutos de espera pareceram a Linetta uma eternidade. Estava com receio de não chegar ao porto para encontrar os pais e também temia pela vida do sargento.

Depois do atentado contra o príncipe, no bosque, suspeitava que devia mesmo haver russos além da colina. E se estes avistassem o rapaz, sem dúvida o capturariam. Então o pobre sargento seria torturado para fornecer informações sobre o país, e, por fim, o matariam.

Tais conjeturas deixaram-na angustiada. Mais tarde, ao avistar o sargento voltando de suas investigações, controlou-se para não tocar o cavalo e ir ao encontro dele.

Esperou, impaciente, que o rapaz se aproximasse e, quando pôde ver-lhe o rosto, soube por sua expressão que suas suspeitas se confirmavam.

Eles corriam perigo!

— São os russos, como imaginei — o sargento falou em voz baixa. — Calculo que há trinta ou quarenta deles. Estão parados, talvez esperando ordens ou, quem sabe, observando os navios do porto.

A primeira coisa que ocorreu a Linetta ao ouvir o rapaz mencionar o porto, foi que os russos, através de seus espiões, haviam sido informados que Sua Alteza Real estava aguardando a chegada da noiva inglesa.

Era por esse motivo que aqueles soldados estavam observando o porto. Com certeza planejavam seqüestrar a noiva do príncipe Ivor para impedir o casamento.

Afastou o pensamento por achá-lo absurdo. Mesmo que soubessem da chegada do navio inglês e até mesmo da existência de uma noiva inglesa, os russos não ousariam insultar a rainha Vitória.

— O que vamos fazer? — perguntou um dos soldados, interrompendo as reflexões de Linetta.

— Por enquanto devemos esperar — respondeu o sargento. — Não podemos nos arriscar a...

De repente, ele calou-se e fez um gesto indicando um dos lados da colina. Todos olharam naquela direção e ficaram tensos. Viram o grupo de soldados russos avançando na direção oposta à do porto.

"Será que eles estão indo para a Capital? Mas não se trata de um regimento. São poucos para indicar que pretendem invadir a cidade", Linetta pensou. "A não ser que haja outras unidades em vários pontos, cercando a capital, o que é bem provável."

Receando pela vida do príncipe, ela desejou poder preveni-lo e salvá-lo. Chegou a pensar em voltar para o palácio a galope, mas desistiu da idéia.

Concluiu que seria vista e presa pelos soldados russos. Não; devia seguir para o porto que ficava na direção oposta àquela que os russos estavam tomando. Os pais esperavam-na e ficariam apreensivos se ela não aparecesse.

Nesse instante o soldado que estava mais perto de Linetta murmurou, chamando a atenção de todos:

— Vejam! Aqueles soldados, apesar de bem armados, não pretendem atacar a cidade. Pelo menos, não agora. São poucos e parecem estar à procura de alguma coisa.

A distância não era tão grande e todos puderam perceber que um oficial ordenava aos soldados para se separarem, pois ele indicava as direções.

Subitamente, Linetta compreendeu tudo. Os dois russos que ela havia matado cerca de duas horas atrás, junto do poço dos desejos, pertencia àquele grupo.

Como não tinham voltado da tarefa a eles atribuída, que era matar o príncipe Ivor, o comandante do grupo agora devia estar orientando os outros soldados para revistar toda a área.

Linetta inspirou fundo. Se não se lembrasse de levar consigo as pistolas, os dois soldados teriam assassinado o príncipe. Eles a levariam prisioneira e em pouco tempo os russos tomariam a Samósia.

— Não estou entendendo o que eles pretendem fazer — sussurrou o sargento. — O porto fica para trás do lugar onde eles se encontram, a cidade à frente, e eles se espalharam em pequenos grupos e estão indo para a esquerda.

"Minhas suspeitas se confirmaram", Linetta disse a si mesma. "E claro que eles estão indo para o lado do bosque à procura dos dois soldados desaparecidos. Eles só chegarão ao poço dos desejos daqui a uma hora ou pouco mais. Teremos tempo suficiente de chegar ao porto."

Por fim, os soldados desapareceram e ela voltou-se para os homens que a escoltavam.

— Eles se foram. Podemos seguir em frente. Estamos quase chegando ao porto.

— Sim, claro, milady — assentiu o sargento. — Eles não nos aborrecerão. Estou intrigado porque não entendi o que pretendem ou o que estão procurando.

— Coisa boa não é! — resmungou um soldado.

— Disso eu tenho certeza — concordou o sargento, pensativo. — Bem, depois de deixarmos esta lady em segurança no navio inglês, voltaremos para a cidade para notificar o comandante do que acabamos de presenciar. Ele saberá o que fazer.

— E a decisão mais sensata — aprovou um dos homens. — Por precaução, convém tomarmos outro caminho. Há um à nossa direita que também leva ao mar. Lá chegando, encontraremos uma boa estrada para o porto.

Todos aprovaram a sugestão e voltaram a cavalgar.

Linetta agradeceu a Deus por guardá-la e dar-lhe inspiração para saber como agir.

"Nesta manhã em que passei por tantos perigos, reconheço que tive mais do que sorte; tive, sim, proteção divina."

Lembrando-se do toque dos lábios de Ivor nos seus, e da emoção indescritível que experimentara, sentiu o coração pulsar mais forte.

Naquele momento suas dúvidas desapareceram. Soube que amava Ivor e queria casar com ele.

"Sim, eu o amo! Quero ser sua esposa, não por me sentir no dever de salvar a Samósia, muito menos por ambicionar sentar-me num trono", pensou.

Linetta sempre havia sonhado conhecer um dia o verdadeiro amor. O amor que seus avós e seus pais haviam encontrado e que os tornara felizes, mesmo vivendo isolados, mesmo, renunciando a tantos privilégios e honrarias.

Ela recordou que a mansão onde nascera e se criara era impregnada de felicidade porque ali sempre viveram pessoas que se amavam.

Desde pequena ela gostava de observar o modo como os pais se fitavam. Parecia que um venerava o outro. Nunca os ouvira reclamar do isolamento e de viverem na obscuridade, quando tinham o direito de brilhar na corte.

Para os dois, o que importava era estarem juntos e se amarem.

"Todos queremos encontrar e viver o verdadeiro amor. O amor tão grande e perfeito que dispensa tudo mais. No entanto, são poucos os que têm a sorte de encontrá-lo", Linetta continuou refletindo.

Soube que era uma dessas poucas pessoas afortunadas quando Ivor a beijara.

Ao sentir os lábios dele tocarem os seus, experimentara um enlevo, uma agitação interior, e soube que aquela era a emoção que sonhava experimentar, não ocasionalmente, mas dia após dia, quando se casasse.

Sim, porque essa emoção era inspiradora, infundia coragem e enchia a alma de felicidade.

Depois do beijo, Linetta sentira-se transformada. Quase como se tivesse acontecido um milagre, ela decidira cumprir a vontade da rainha Vitória. Por isso cavalgava agora rumo ao porto, onde iria preparar-se para desposar um príncipe que até poucos dias atrás era um desconhecido e, de repente, ela reconhecia ser o homem dos seus sonhos.

"Tenho muita sorte. Obrigada, meu Deus por tudo o que tenho recebido!", agradeceu erguendo os olhos para o céu. "Vou ajudar o príncipe Ivor a salvar este país e a governá-lo com justiça, retidão e amor."

Uma tarefa semelhante seria capaz de amedrontar qualquer mulher, mas não Linetta, que se sentia invadida por uma felicidade quase indescritível.

Ela cavalgara tão absorta que se surpreendeu ao ver que haviam chegado ao porto. Por um instante receou que o navio de guerra inglês estivesse atrasado.

Só poderia saber se pedisse informações. Procurou um funcionário e perguntou-lhe se havia chegado um navio inglês.

— Estou vindo do palácio — acrescentou. — Sua Alteza Real quer que os passageiros desse navio, caso esteja no porto, desembarquem e procedam para a capital imediatamente.

— Sim, senhorita, um navio inglês ancorou esta madrugada — informou o funcionário. — Eu a levarei até lá. Acompanhe-me, por favor. Há um caminho mais curto para chegar ao couraçado.

Ambos desceram uma escada, seguiram por uma passagem, e chegando ao fim da mesma, Linetta avistou o couraçado. Teve vontade de gritar de alegria.

Quando o funcionário deixou-a perto da escada de costado, agradeceu-lhe pela gentileza e subiu depressa para o convés onde encontrou os pais. Abraçou-os e beijou-os efusivamente.

— Não a esperávamos tão cedo, querida — disse o príncipe ao vê-la.

— Muitas coisas aconteceram desde que cheguei. A situação é grave. Eu vinha pedindo a Deus para que vocês tivessem chegado. Preciso contar-lhes o que planejei. — Linetta sentou-se do lado dos pais.

Crystal, como mãe, notou o abatimento da filha e observou:

— Imagino que você não comeu nada para já estar aqui no porto tão cedo. Vou pedir que lhe sirvam o café da manhã.

— Aceito só café e um sanduíche — tornou Linetta.

— O mais importante é conversarmos, mamãe. Tenho muitas coisas a lhes dizer e há inúmeras providências a tomar.

Enquanto um comissário de bordo apressou-se em buscar um lanche para Linetta, ela relatou aos pais como estava a situação no principado, o que havia acontecido no bosque, mencionou que vira soldados russos quando vinha para o porto e concluiu dizendo que o casamento seria realizado às cinco horas.

Ao ouvir a filha contar que matara os dois russos, a princesa deu um grito de horror, porém o marido comentou:

— Você e o príncipe salvaram-se por milagre. Serei eternamente grato a minha mãe que me deu as duas pistolas.

— E eu não me cansarei de agradecer a Deus por ter aprendido com a senhor a atirar com as duas mãos — volveu Linetta. — A minha preocupação é que os russos façam um último e desesperado esforço para impedir o casamento.

— Concordo com o casamento, querida, e era o que seu pai e eu sabíamos que iria acontecer. Mas a cerimônia terá de realizar-se hoje? Temos poucas horas para nos preparar — Crystal reclamou.

— E muito importante agirmos depressa — a filha disse com firmeza.

O comissário de bordo voltou com o lanche de Linetta. Ela comeu o sanduíche e tomou metade do café. Quando terminou, disse:

— Há mais um detalhe que me esqueci de mencionar. Ficou decidido que, logo após a cerimônia do casamento, o príncipe e eu seremos coroados rei e rainha por desejo de Sua Majestade, a rainha Vitória.

— Coroados rei e rainha?! Sua Majestade nunca ordenou nada semelhante — salientou o príncipe.

— A idéia foi minha. Mas tenho certeza de que Sua Majestade a aceitará ao saber que dessa forma os soberanos da Samósia ficarão mais protegidos. Todos nós sabemos que se os russos matarem um parente de Sua Majestade, provocarão um sério incidente diplomático. Se matarem um rei ou uma rainha, haverá uma guerra entre as duas potências — Linetta argumentou.

— Compreendo as suas intenções, querida. Só receio que a rainha Vitória alegue que não deu tal ordem.

— O príncipe tinha uma expressão grave.

— Acha que Sua Majestade fará isso? Se fizer, os russos voltarão para a cidade — rebateu a filha.

— Você tem resposta para tudo — louvou o príncipe.

— Presumo que será uma excelente rainha, embora um pouco dominadora e autoritária.

— Está enganado. Serei meiga e dócil como mamãe. Aprendi desde criança que o marido é chefe da família e sempre tem razão — rebateu Linetta com um lindo sorriso.

Pouco depois, na cabine mestra, Crystal começou a mostrar o enxoval à filha e comentou:

— Comprei tudo o que foi possível. Seu pai não quis ficar muito tempo em Marselha.

Ao ver as roupas, Linetta ficou maravilhada. Os vestidos tinha o inconfundível chique francês. Havia também roupas íntimas, anáguas, corpetes de seda pura com mimosos bordados feitos a mão.

As camisolas diáfanas era guarnecidas de finíssima renda. Os chapéus, então, eram elegantíssimos.

— Obrigada, mamãe! Obrigada! — Linetta agradeceu, exultante. — São adoráveis! Você teve muito bom gosto! Mas agora vamos guardar tudo novamente nos baús.

— Espere. Quero que você veja o vestido de noiva.

A princesa abriu uma caixa bem grande e tirou dele um vestido branco de *chiffon* e renda, todo bordado com linha de seda, pérolas e fios de prata.

Linetta ficou olhando para aquela riqueza, maravilhada.

— Eu também trouxe algumas jóias da família — avisou a princesa indo buscar o porta-jóias.

A tiara formava conjunto com um colar, dois braceletes e brincos. Todas as peças eram em diamantes e platina e haviam pertencido à avó de Linetta, esposa do príncipe Frederick.

Mãe e filha guardaram tudo nas devidas caixas e deixaram para fora, estendido sobre a cama, só o vestido de noiva.

O príncipe apareceu para chamá-las para almoçar, mas Linetta disse que não tinha fome.

— Ninguém é valente de estômago vazio — declarou o príncipe. — O que nos espera daqui até tarde da noite exigirá que tenhamos, pelo menos, resistência.

Era um argumento mais do que sensato.

Só à hora do almoço Linetta foi apresentada ao representante de Sua Majestade, um conde idoso e de poucas palavras, que parecia ciente da própria importância.

Linetta vestiu-se na cabine-mestra reservada aos pais. O vestido de noiva assentou-lhe como uma luva.

Deixou o véu de renda caído sobre o rosto, cobrindo-o parcialmente, e a mãe prendeu-o com grampos e a tiara de diamantes.

Eram três horas quando Linetta, os pais e o conde subiram na suntuosa carruagem do palácio que os aguardava, puxada por duas parelhas de soberbos cavalos brancos.

Ao chegarem ao pequeno largo, na frente do porto, Linetta constatou muito feliz que tudo estava correndo como havia planejado.

Viu o destacamento de soldados da guarda, montados em cavalos magníficos, enfileirados, e a comitiva enviada pelo barão Unkar.

Depois dos cumprimentos e palavras de boas-vindas, o cortejo deixou o porto e seguiu para a cidade.

Ao avistar os pináculos das igrejas e os telhados dos prédios mais altos, Linetta sentiu-se inundada por uma onda avassaladora de felicidade. Iria não apenas ver o príncipe, mas também desposá-lo!

Fechou os olhos por um momento e entregou-se à delícia de evocar a lembrança do beijo que ele lhe dera e que a transportara ao céu.

Como amava Ivor! E porque o amava, queria vê-lo salvo.

Começou a rezar pedindo a Deus e aos anjos que o protegessem.

Faltavam quinze para as cinco quando o cortejo alcançou a avenida que conduzia à catedral, toda enfeitada com bandeiras britânicas.

O povo, nas calçadas, acenava para a princesa.

Quando a carruagem parou, o conde foi o primeiro a sair do veículo. Seguiram-no os pais de Linetta que, por sua vez, ajudaram-na a descer e a ajeitar a cauda do vestido.

Nesse instante a banda militar do palácio executou o hino *Deus Salve a Rainha.*

A noiva subiu devagar os degraus da porta oeste da grande e majestosa catedral construída no século XIV e o órgão começou a tocar.

Pressurosa, a baronesa organizou a entrada solene do cortejo.

A frente estava o sacristão com a cruz, seguiram-no as damas de honra, e depois destas, Linetta de braços com o pai.

O cortejo seguiu a passos lentos e solenes pela nave, ao som da marcha nupcial.

Linetta mantinha os olhos fixos no príncipe, achando-o encantador e tentando imaginar o que ele estaria sentindo.

Quando chegou na frente do altar e o pai entregou-a ao noivo, Linetta fitou Ivor e notou sua expressão de incredulidade.

Ele a reconhecera! Parecia estar dizendo a si mesmo que devia estar sonhando.

Ivor estendeu a mão e Linetta segurou-a, sentindo no mesmo instante que ele a apertava, revelando naquela linguagem de gestos que estava maravilhado porque ela iria tornar-se sua esposa.

A cerimônia teve início. Embora breve, porque as circunstâncias não permitiam delongas, foi linda e muito comovente. Após a bênção final, o arcebispo e o padre procederam às orações da coroação.

Quando a coroação terminou, o órgão tocou o Hino Nacional da Samósia.

Ivor e Linetta, agora marido e mulher, bem como rei e rainha, seguiram pela nave da catedral até a porta oeste e quando apareceram no alto dos degraus, foram saudados pela multidão delirante com palmas e vivas. Um grupo de crianças atirou-lhes uma chuva de pétalas de rosas.

O noivo ergueu a mão e reinou na praça completo silêncio.

Fazendo uso da palavra, Sua Majestade, Ivor I, agradeceu ao povo pela presença e declarou que aquele era um dia histórico, em que a Samósia começava a viver um novo regime e uma nova era.

— Considero-me o homem mais feliz e o mais abençoado da terra por ter desposado esta linda e inteligente jovem inglesa — acrescentou. — Ela salvou este país, livrando-o de nossos inimigos e, graças a ela, e com o beneplácito da rainha da Inglaterra, a Samósia é agora um reino.

A multidão aplaudiu, obrigando Sua Majestade a fazer uma pausa.

— Como rei e rainha lutaremos, não apenas pela Samósia, mas pelos Bálcãs — o rei prosseguiu. — Temos consciência de que é nosso dever combater aqueles que, perversamente, tentam destruir a nossa paz, a nossa soberania, a nossa individualidade.

Novas palmas, desta vez mais entusiásticas.

— Como rei e rainha nos dedicaremos à nossa gente. Queremos, e com a ajuda de Deus iremos conseguir, legar para as gerações futuras um reino de paz e muita prosperidade. Ao mesmo tempo, devo lembrá-los de que a pátria não é apenas o rei e a rainha. A pátria somos todos: a rainha, eu e vocês, cidadãos. Num esforço conjunto, tomaremos a Samósia uma grande nação.

Agora as palmas e vivas foram ensurdecedores. Os homens atiraram seus chapéus para o alto e lenços se agitaram no ar.

Demorou algum tempo para a multidão fazer silêncio novamente, permitindo ao rei voltar a falar.

— A rainha e eu acreditamos na paz e não descansaremos enquanto não sanarmos esta terra abençoada de todos os núcleos subversivos. Conclamo-os, cidadãos, a lutar conosco, tenazmente, contra os gananciosos que desejam tirar o que nos pertence, o que nos foi dado por Deus quando nascemos. Livres do inimigo, a Samósia será um reino de paz e prosperidade. Que Deus nos ajude e abençoe.

Houve uma manifestação calorosa quando o rei terminou o pequeno discurso.

O povo que enchia a praça da catedral e as imediações, numa demonstração cívica, passou a entoar o Hino Nacional da Samósia.

Suas Majestades desceram os degraus e foram para a carruagem aberta sob nova chuva de pétalas de rosas.

O cortejo seguiu pela larga avenida bem devagar até o palácio. Durante todo o trajeto os noivos acenaram e sorriram para seus súditos.

Só quando estendeu a mão para Linetta para ajudá-la a descer da carruagem, Ivor segredou-lhe ao ouvido:

— Tenho certeza de estar sonhando.

— Eu também... e não estou com pressa de acordar.

Eles se fitaram e por um momento permaneceram imóveis, embevecidos um com o outro.

A aproximação dos pais de Linetta e de outras pessoas importantes tiraram-nos daquele enlevo.

Todos se encaminharam para o enorme e suntuoso salão de recepções onde os noivos receberam os convidados.

Estes eram pessoas do governo, parentes e amigos íntimos de Ivor, além, claro, do príncipe e da princesa de Leiningen e do conde, representante da rainha Vitória.

Foi servido a todos champanhe e um bolo feito pelos *chefs* do palácio.

Apesar de não ser um grande número de pessoas,

todos estavam tão eufóricos que quiseram fazer uso da palavra. Depois ergueram vários brindes à saúde dos noivos, ao futuro, ao novo reino, à aliança entre a Samósia e a Grã-Bretanha.

Ninguém parecia disposto a deixar o palácio. Já era tarde quando os primeiros convidados se despediram. Ivor e Linetta tiveram de esperar pacientemente, pelo menos meia hora, para, finalmente, verem-se a sós nos seus aposentos privativos.

— Como você conseguiu enganar-me tão bem? — Ivor perguntou a Linetta quando alcançaram o corredor.

— Eu precisava ter certeza de meu amor por você para aceitar desposá-lo. Eu não suportava a idéia de casar com um desconhecido — revelou Linetta.

— Você representou muito bem o seu papel. Mas falaremos sobre isso mais tarde.

Eles entraram no quarto feminino da suíte real onde duas criadas esperavam pela rainha para ajudá-la a tirar o vestido de noiva. Ivor foi para o quarto vizinho.

Certas de que os recém-casados queriam ter privacidade, as criadas realizaram sua tarefa bem depressa e poucos minutos depois despediam-se.

— Boa noite, Majestade, Deus a abençoe.

Usando uma das camisolas diáfanas que a mãe havia comprado na França, Linetta foi até a janela enquanto esperava pelo marido.

A lua prateava o jardim transformando-o num lugar que lhe pareceu mágico. Estava tão absorta que não percebeu a aproximação de Ivor.

Quando sentiu a sua presença do lado dela, virou-se e ambos se fitaram, demoradamente, embevecidos.

— Você é adorável e tão perfeita que chego a recear que não seja real — ele declarou com a voz repassada de emoção. — Talvez você seja um anjo e queira ir para o céu. Então eu a perderei.

— Sou sua. Prometo que não o deixarei porque o amo — Linetta falou suavemente.

— Era o que eu desejava ouvir. Sou o homem mais feliz do mundo por tê-la encontrado. Você salvou a minha vida e o meu país. Esta manhã, quando fomos ao poço dos desejos, eu já sabia que a amava e sofria por imaginar que teria de abrir mão de meu amor para salvar a Samósia.

— Eu compreendi que o amava quando você me beijou — Linetta revelou. — Experimentei naquele momento um enlevo tão intenso, tão maravilhoso, que não tive dúvidas de que o que eu sentia por você era amor.

— Oh, querida, como pudemos merecer tanta ventura? Como pudemos nos encontrar dessa maneira tão inusitada?

— Estávamos destinados um ao outro — foi a resposta.

Ivor tomou Linetta nos braços e apossou-se dos lábios que ela lhe oferecia.

Beijou-a, docemente a princípio, depois com arrebatamento, loucura, a paixão fazendo latejar-lhe as têmporas, provocando em Linetta a sensação de ter alçado vôo e estar no paraíso.

Levantando a cabeça, Ivor mudou a posição dos braços e carregou a esposa para o grande leito com dossel.

Apagou as velas, deixando o quarto iluminado apenas pela luz do luar. Deitou-se em seguida do lado da esposa e passou a acariciá-la, intercalando as carícias com declarações de amor e beijos ousados, excitando-a, fazendo-a vibrar.

Quando a sentiu preparada, ambos se uniram, repetindo o milagre que transporta o ser humano ao paraíso.

* * * FIM * * *